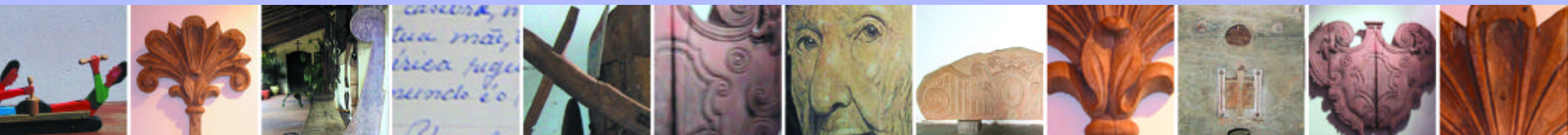


Cultura Goiãna





A Província de Goyaz, que recebeu este nome em função dos índios Goyazes, foi uma região povoada pelos faiscadores de ouro.

Os bandeirantes portugueses e paulistas que por aqui chegaram já encontraram o elemento indígena. Com a criação de arraiais e vilas junto aos locais da mineração de ouro, era necessária a mão-de-obra para este labor. Para isto foram aprisionados os índios e importados os escravos negros.

Assim se formou o povo goiano, herdeiro desta mescla de culturas. Assim se formou nosso perfil, que tendo um pouco de cada uma, tem na soma de todas estas culturas uma unidade própria, temperada com pequi e com sabor de murici, guardada com cuidado entre os rios que nos limitam.

A aculturação com o europeu resultou em danças, folguedos e festas representativas do catolicismo folclórico ibérico, como a do Divino Espírito Santo. A arquitetura, herança dos árabes e seus oito séculos de dominação em Portugal e Espanha, deu o tom branco das igrejas e casas coloniais e o costume de celebrar qualquer acontecimento com intenso foguetório. É também da doceria árabe o alfenim (al-fenim, puro, branco), delicado doce de farinha de trigo e açúcar, feito aqui com a forma de animais do Bioma Cerrado, em pequenas esculturas. O teatro folclórico representa, com as Cavalhadas, as lutas dos cristãos contra os mouros. As danças que acompanham as festas dos santos do mês de junho, podemos creditá-las também ao branco europeu.

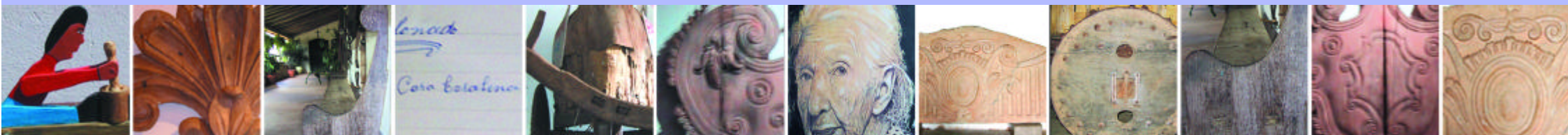
Quando o índio se juntou ao branco, ensinou-lhe técnicas de caça e pesca, a utilização do barro para fazer suas panelas e a mania preguiçosa de dormir em rede. Ensinou-lhe também a fazer a pamonha, utilizando o milho que havia domesticado alguns milhares de anos antes. A comer a mandioca, prensada no tipiti. A moquear a carne e a cobrir sua casa com folhas de palmeiras. Povoaou nosso imaginário com seus mitos e deu ao boto o poder de engravidar donzelas em noites de lua, ao longo das praias de nossos rios.

E quando ao branco e ao índio se uniu o negro, trazendo sua comida - a pimenta malagueta - e as peneiras e pilões, estava pronto o goiano.

Somos assim hoje: de cócoras, com o calcanhar a servir de assento, ouvimos as histórias do Caipora e cantamos modinhas ao luar; usamos garochas (a capa de chuva feita de buri) nas longas internadas do sertão e de botinas cumprimos nossas promessas em longas romarias, agradecendo aos santos por sermos como somos...

Mara Publio de Souza Veiga Jardim

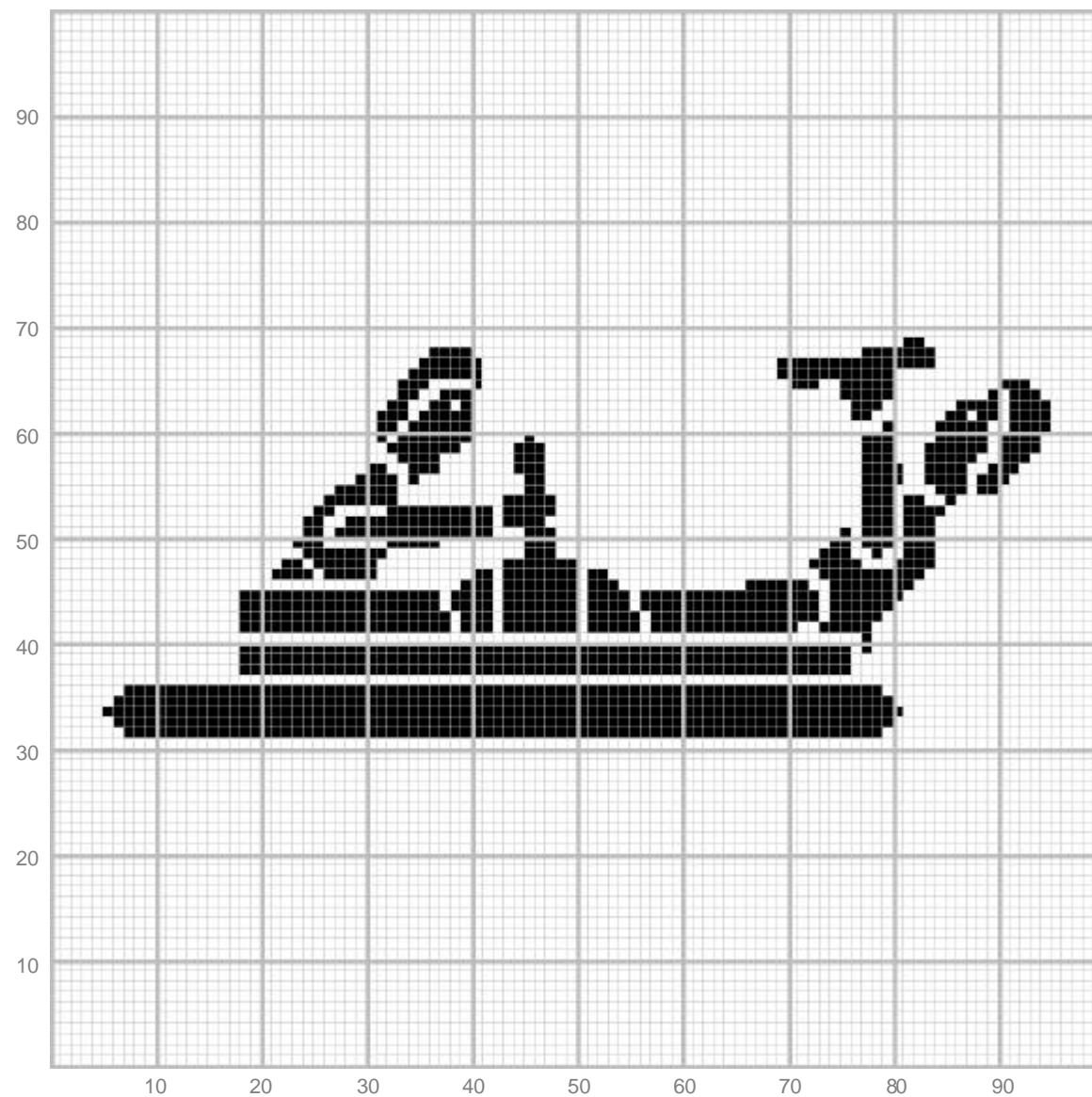
Mestre em Gestão de Patrimônio Cultural





110
Brinquedo infantil
Acervo do Museu do Cerrado
Goiânia

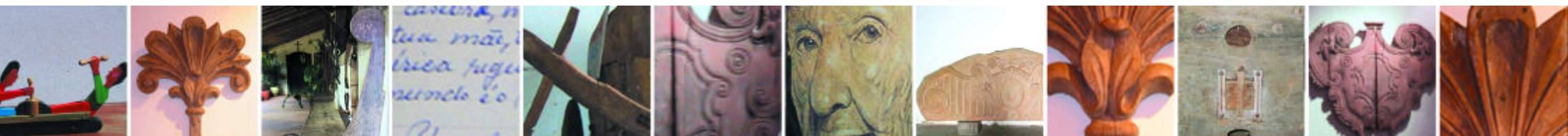
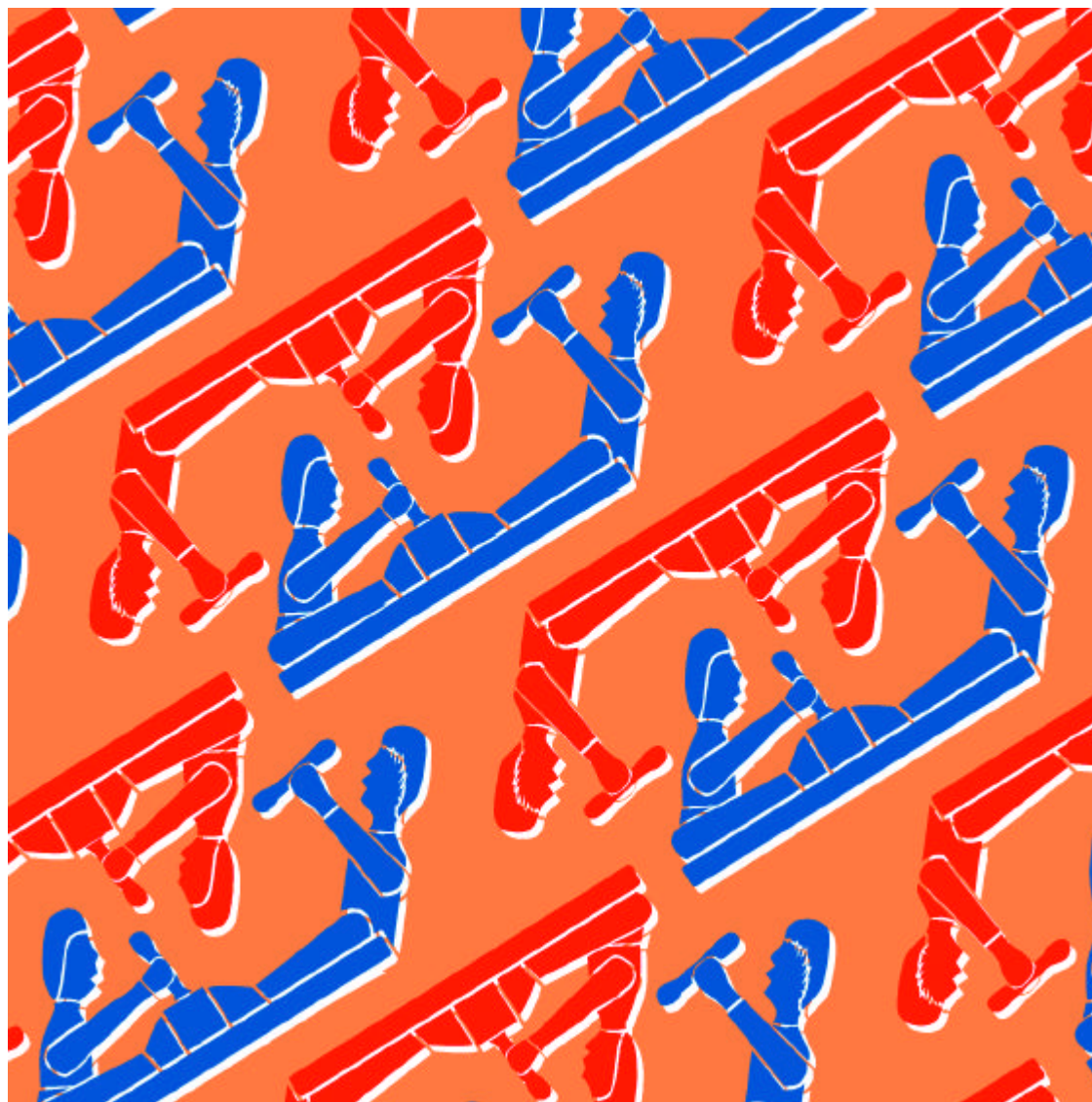




110
Aplicação têxtil

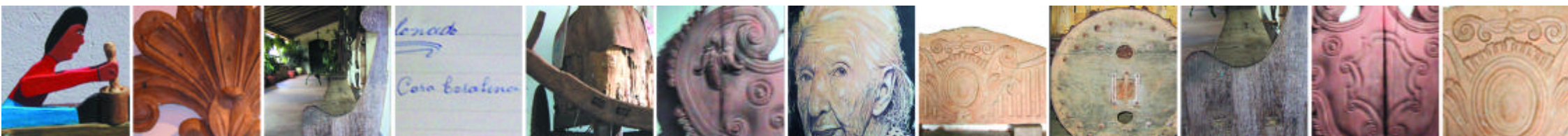


110
Aplicação em estampados

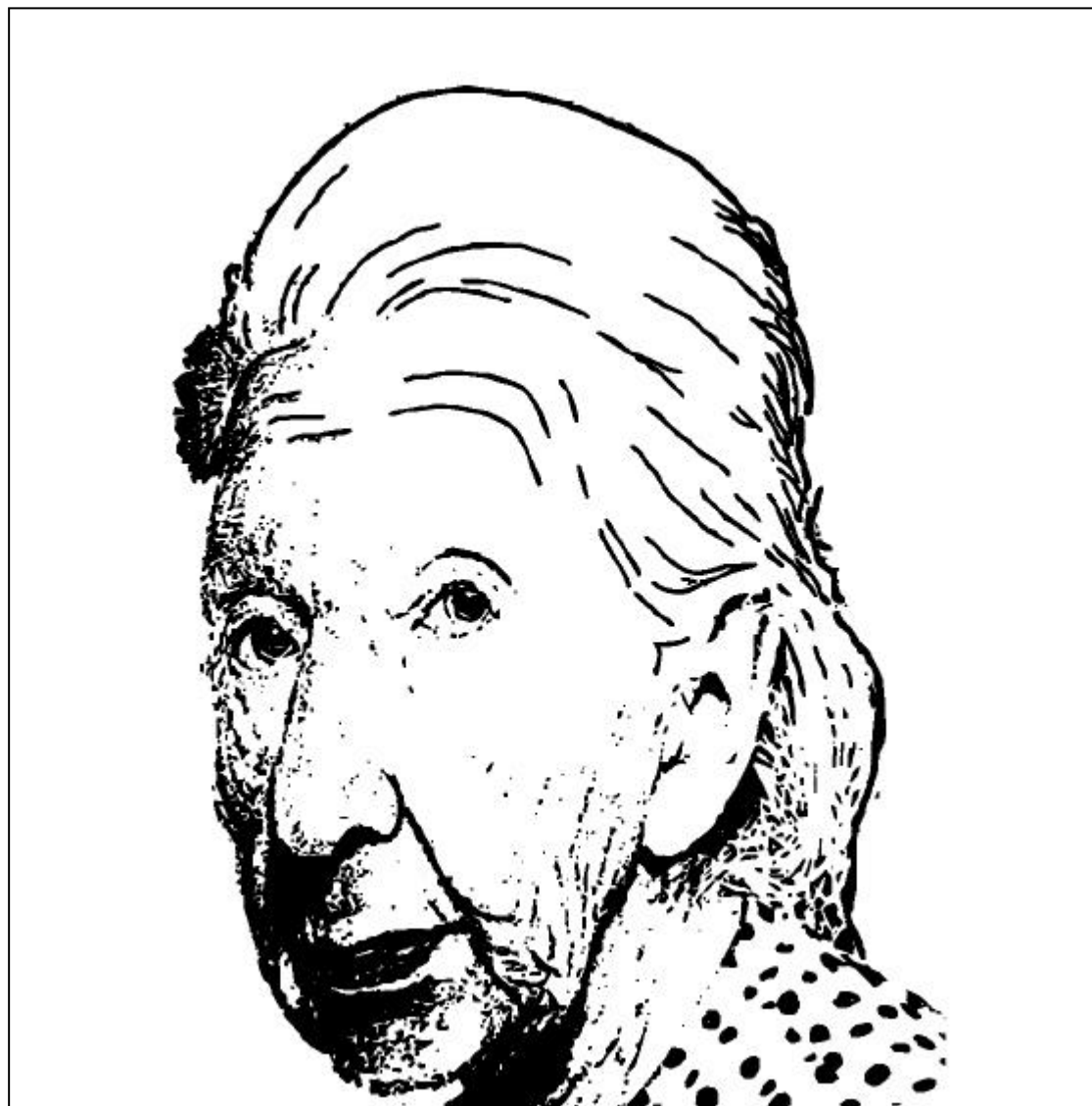


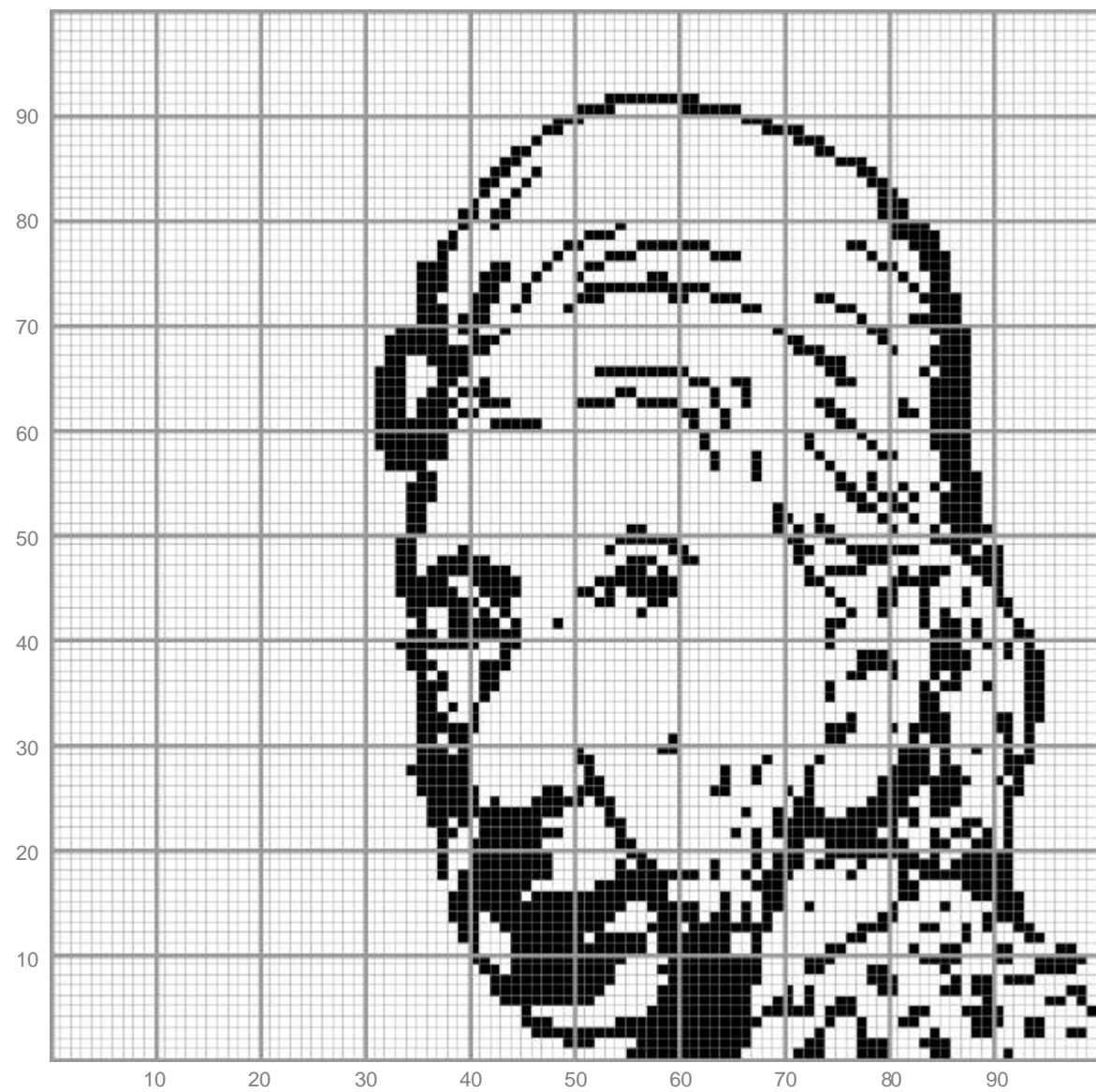


110
Aplicação volumétrica



111
"Cora Coralina"
Ana Lins de Guimarães
Peixoto Bretas
1889 - 1985

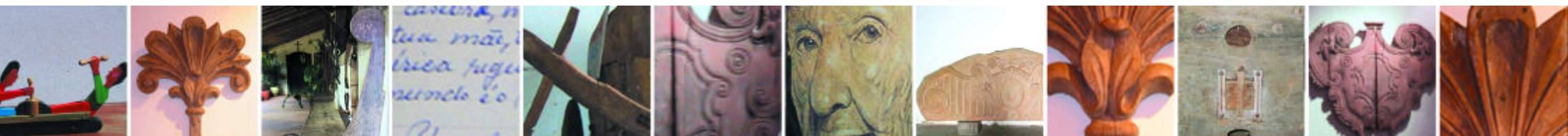
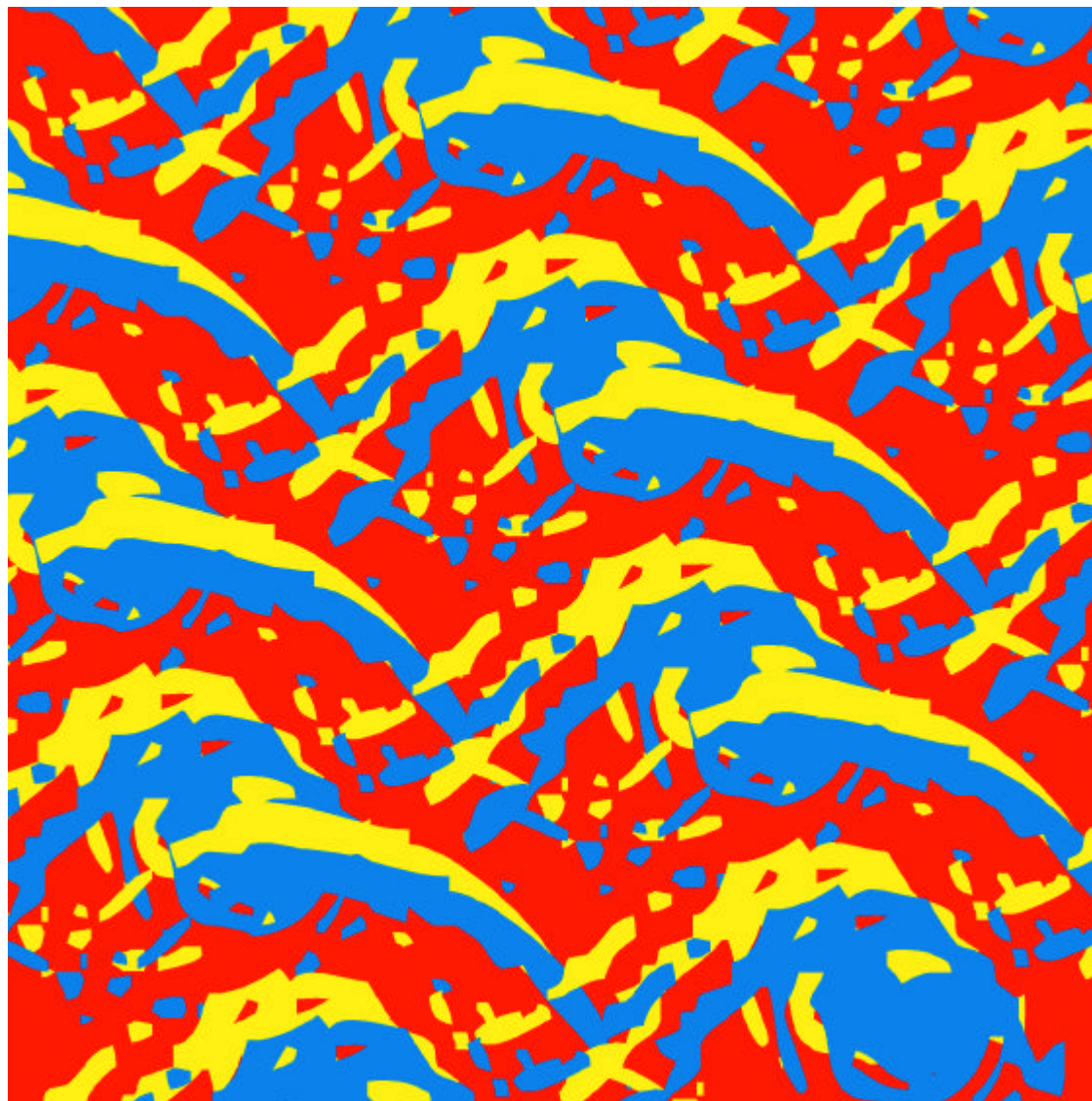


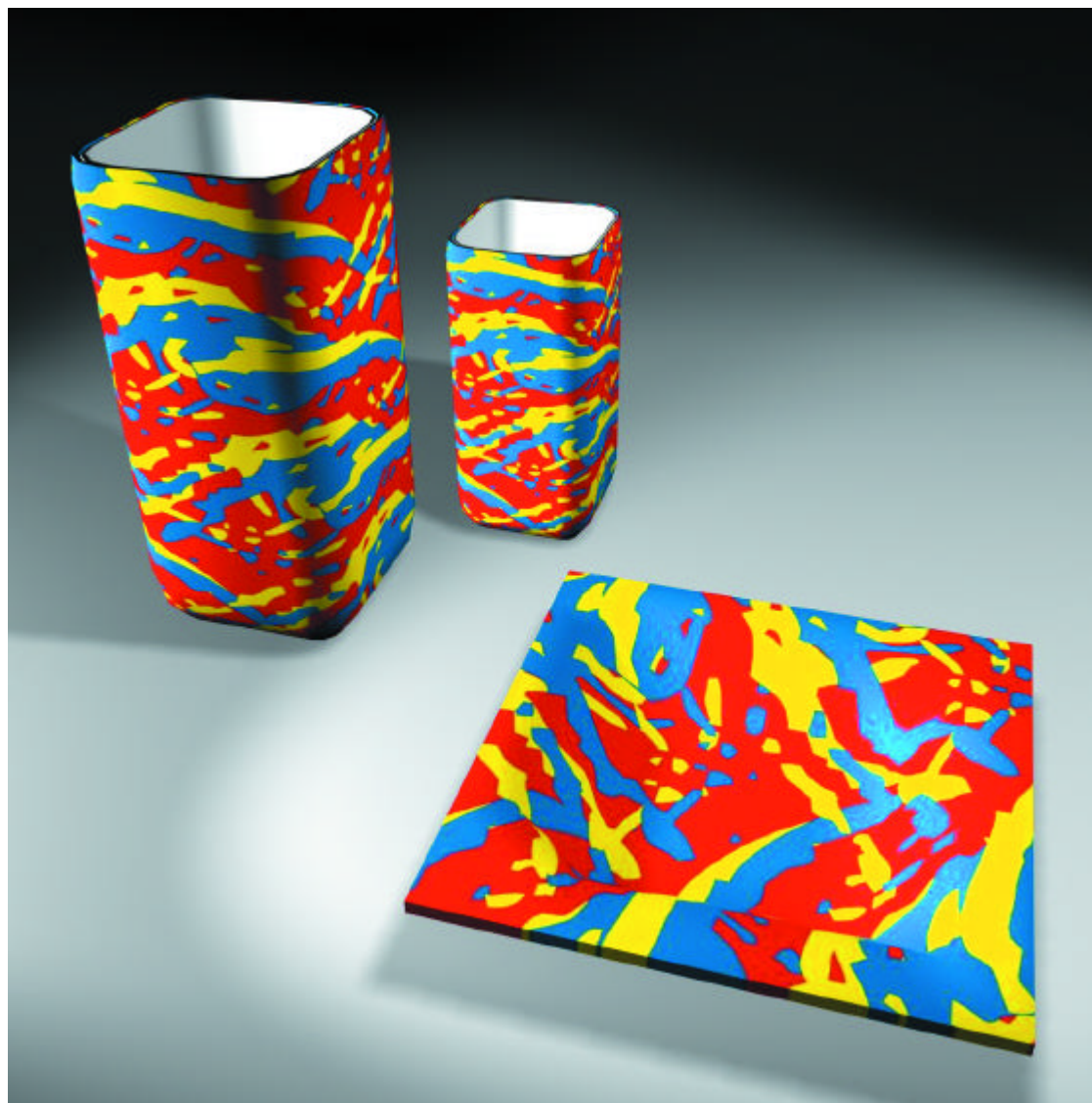


111
Aplicação têxtil

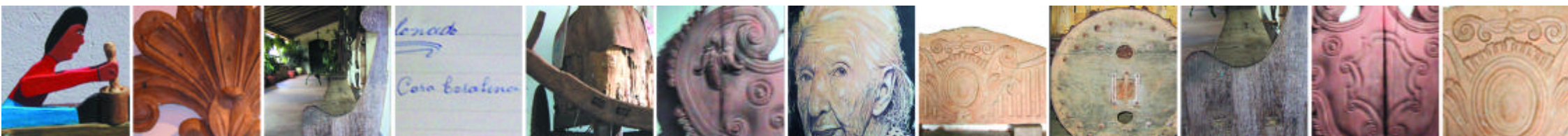


111
Aplicação em estampados





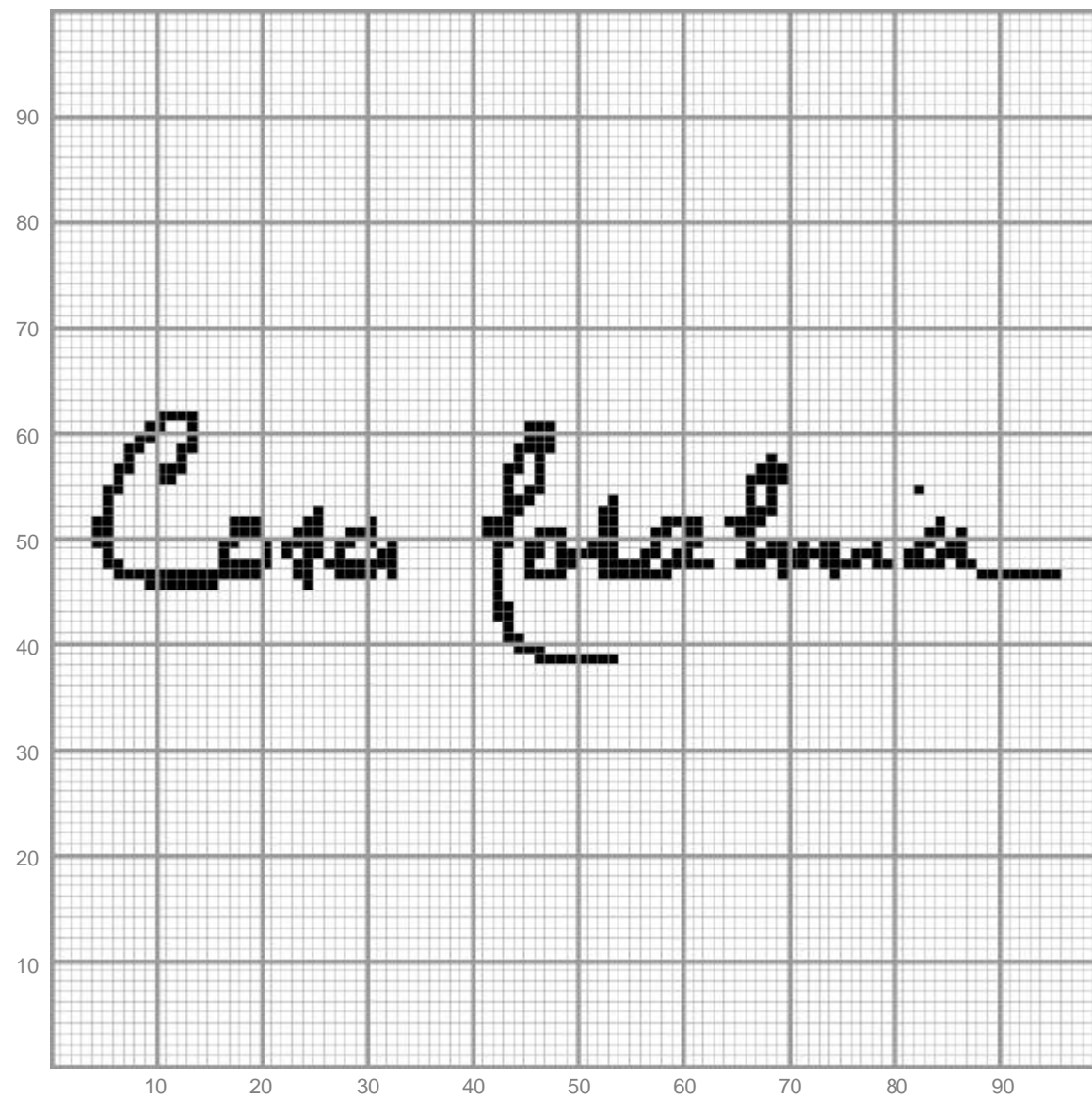
111
Aplicação volumétrica



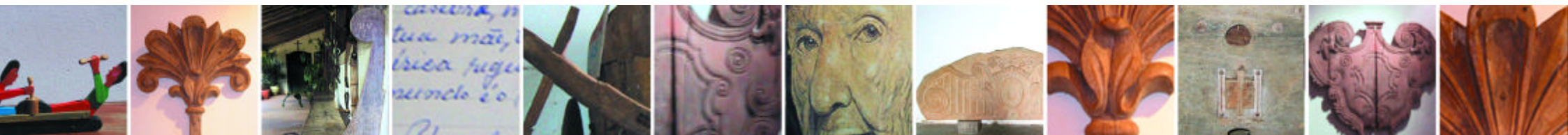
Cora Coralina

112
Assinatura
Cora Coralina
1889 - 1985



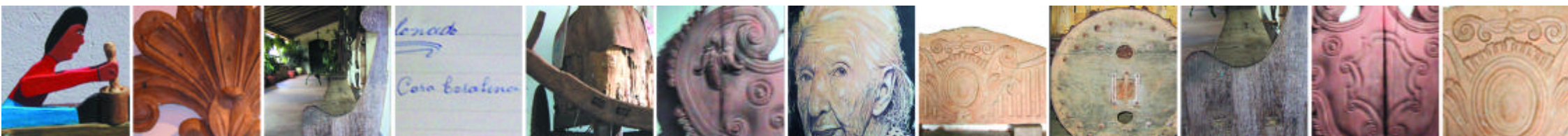


112
Aplicação em estampados





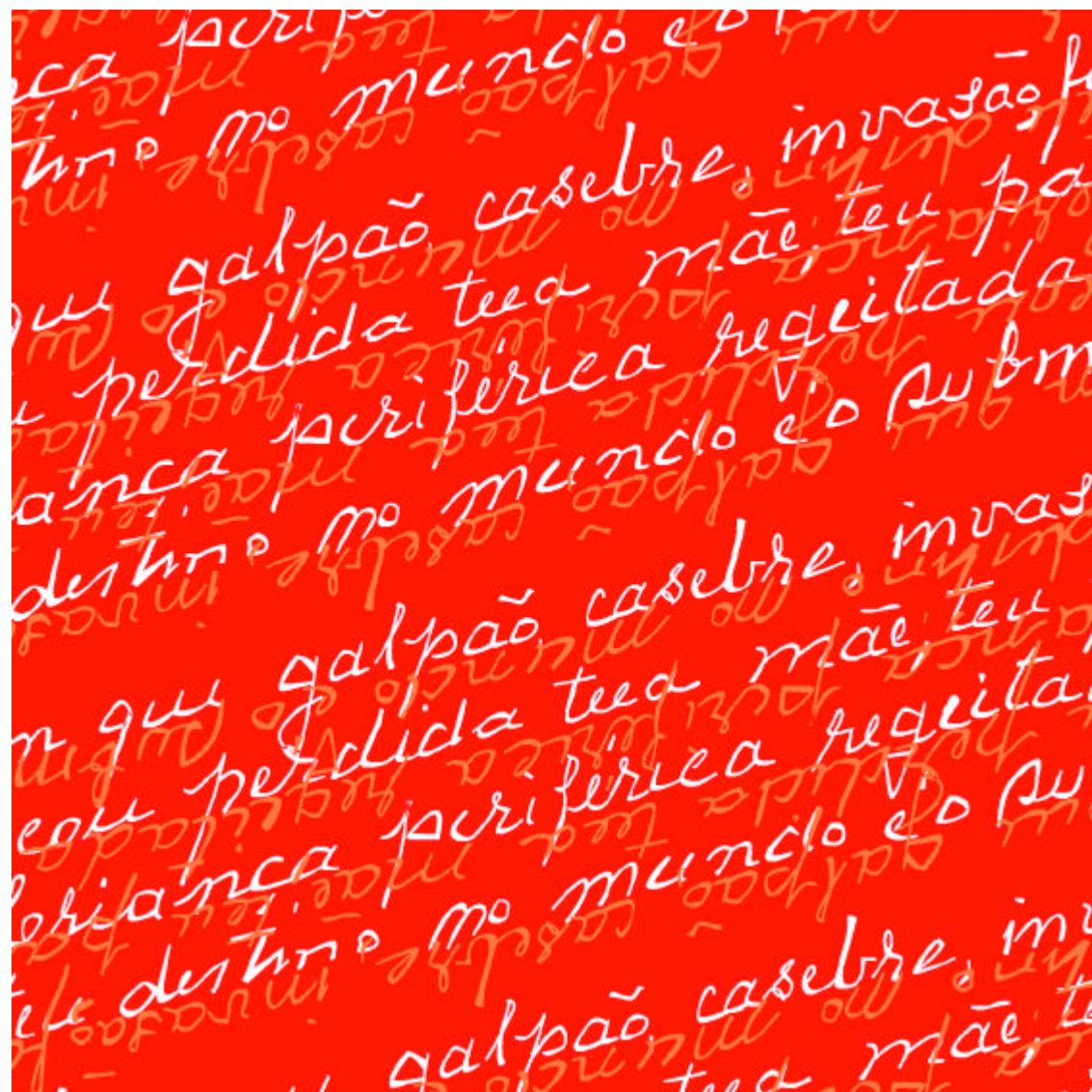
112
Aplicação volumétrica



De onde vem você, criança?
 Porque tão cedo esse batismo impuro
 que mudou teu nome!...
 Em que galpão, casbre, invasão, favela
 ficou perdida tua mãe, teu pai?
 Criança periférica rejeitada
 teu destino no mundo é o submundo

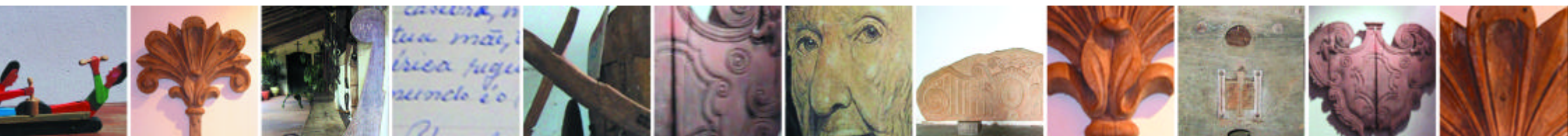
113
 Manuscrito original
 "Menor Abandonado"
 Poema
 Cora Coralina
 1889 - 1985





113

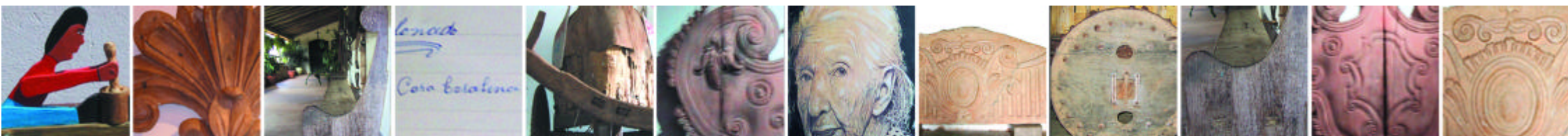
Aplicação em estampados



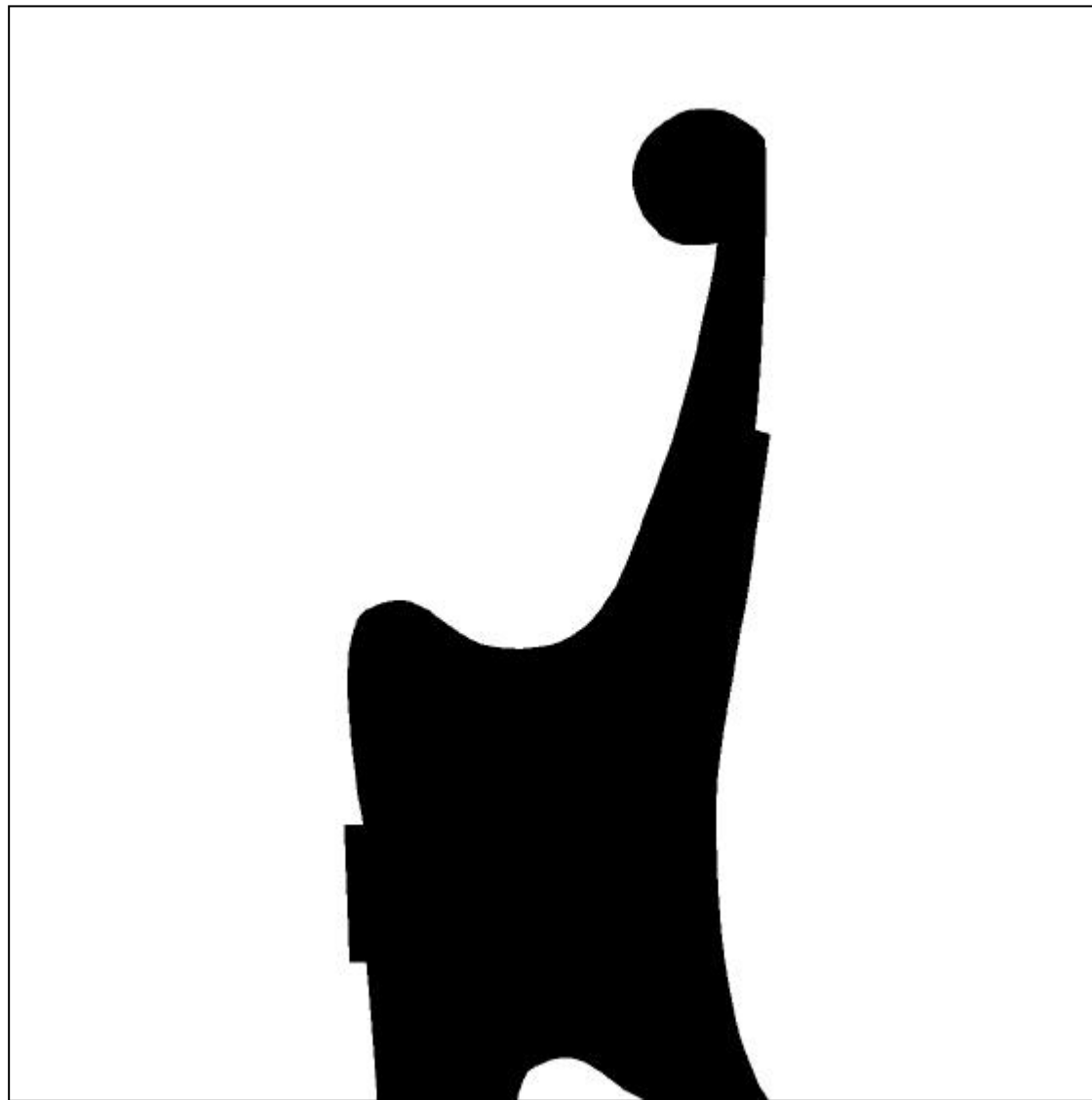


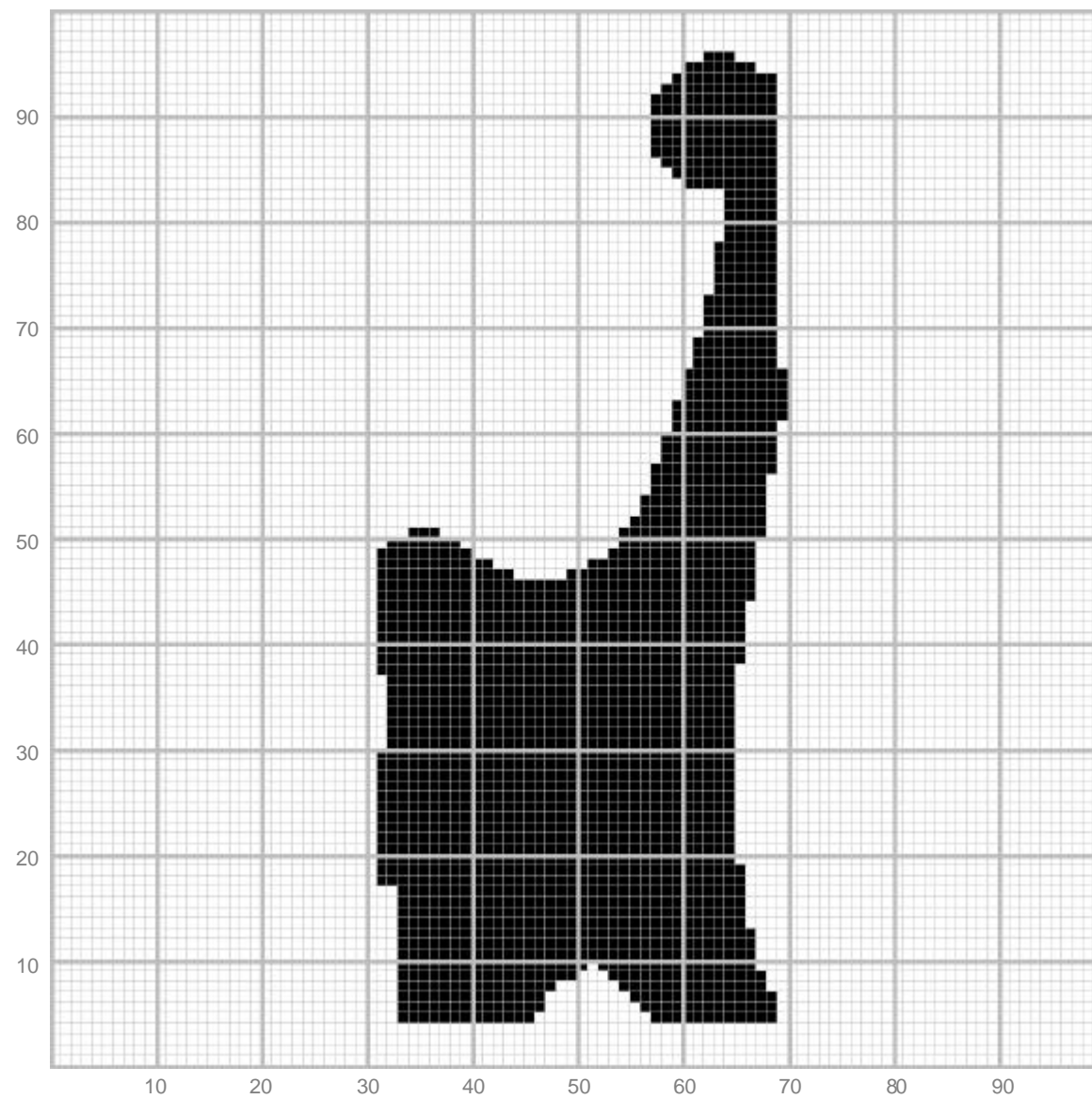
113

Aplicação volumétrica

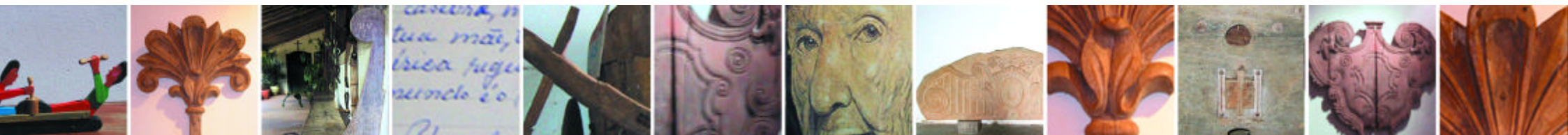


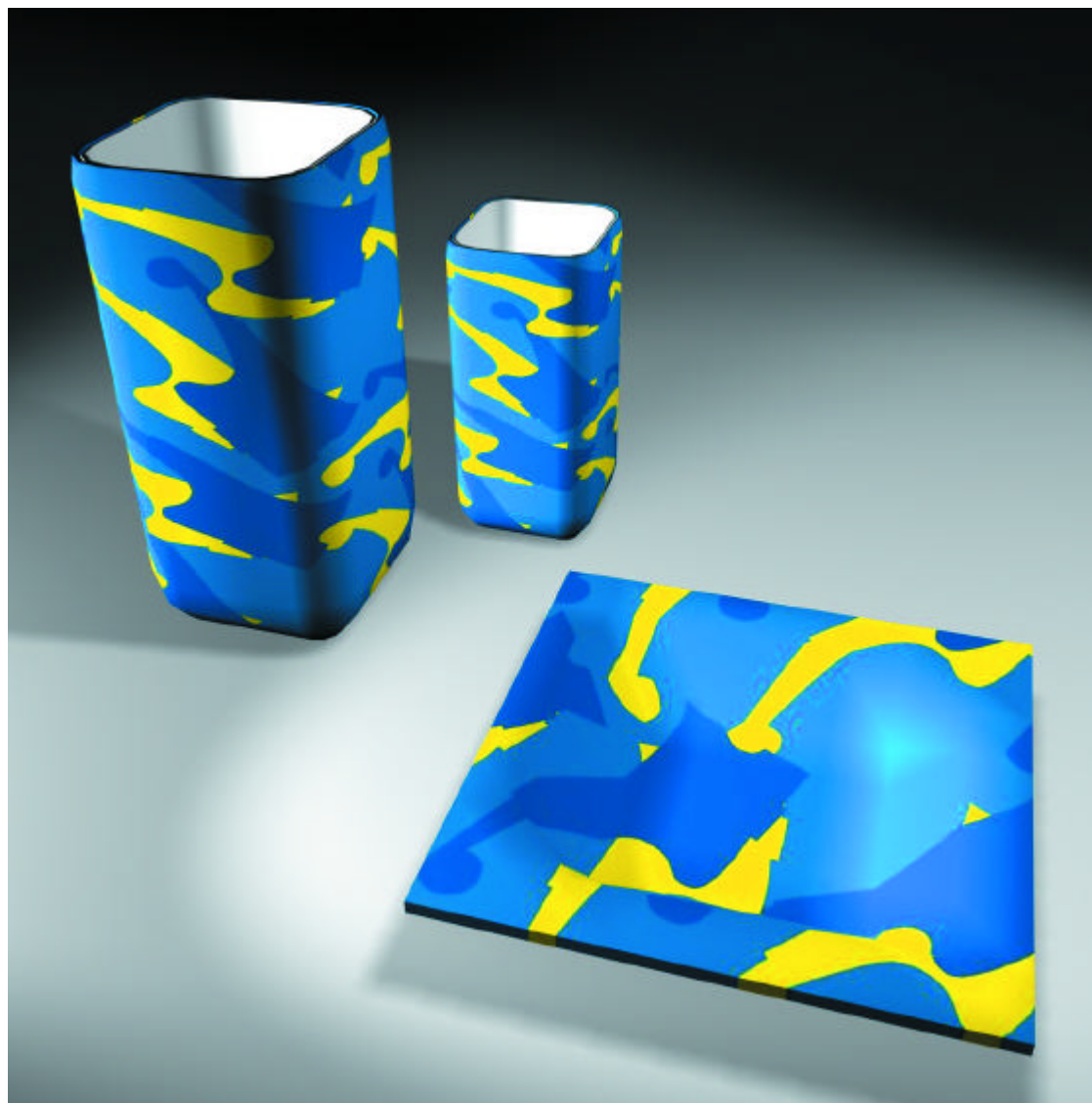
114
Banco em madeira
Fazenda Babilônia
Pirenópolis
Século XIX



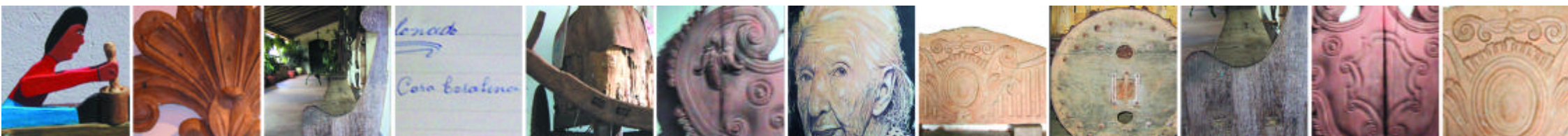


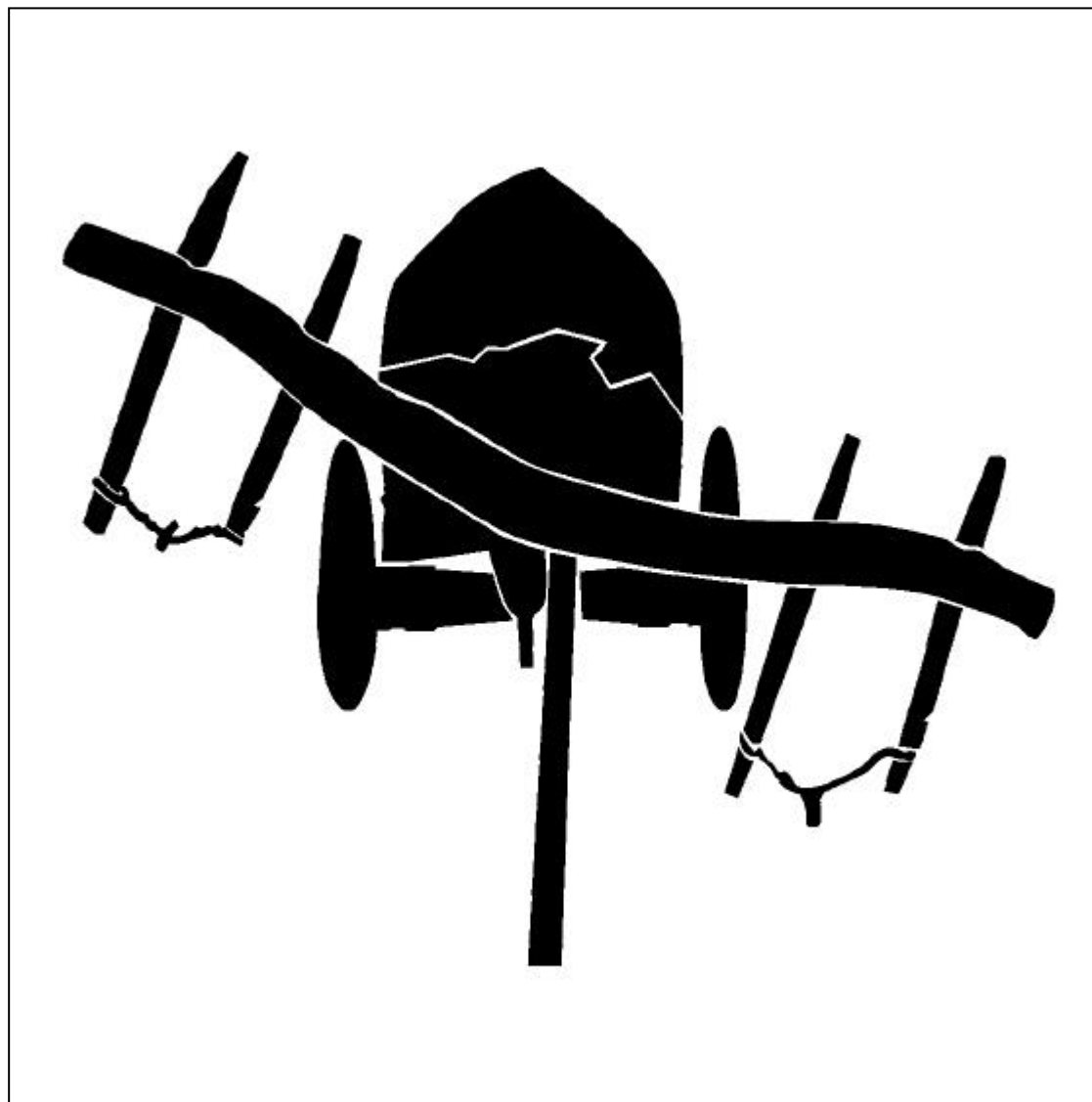
114
Aplicação em estampados





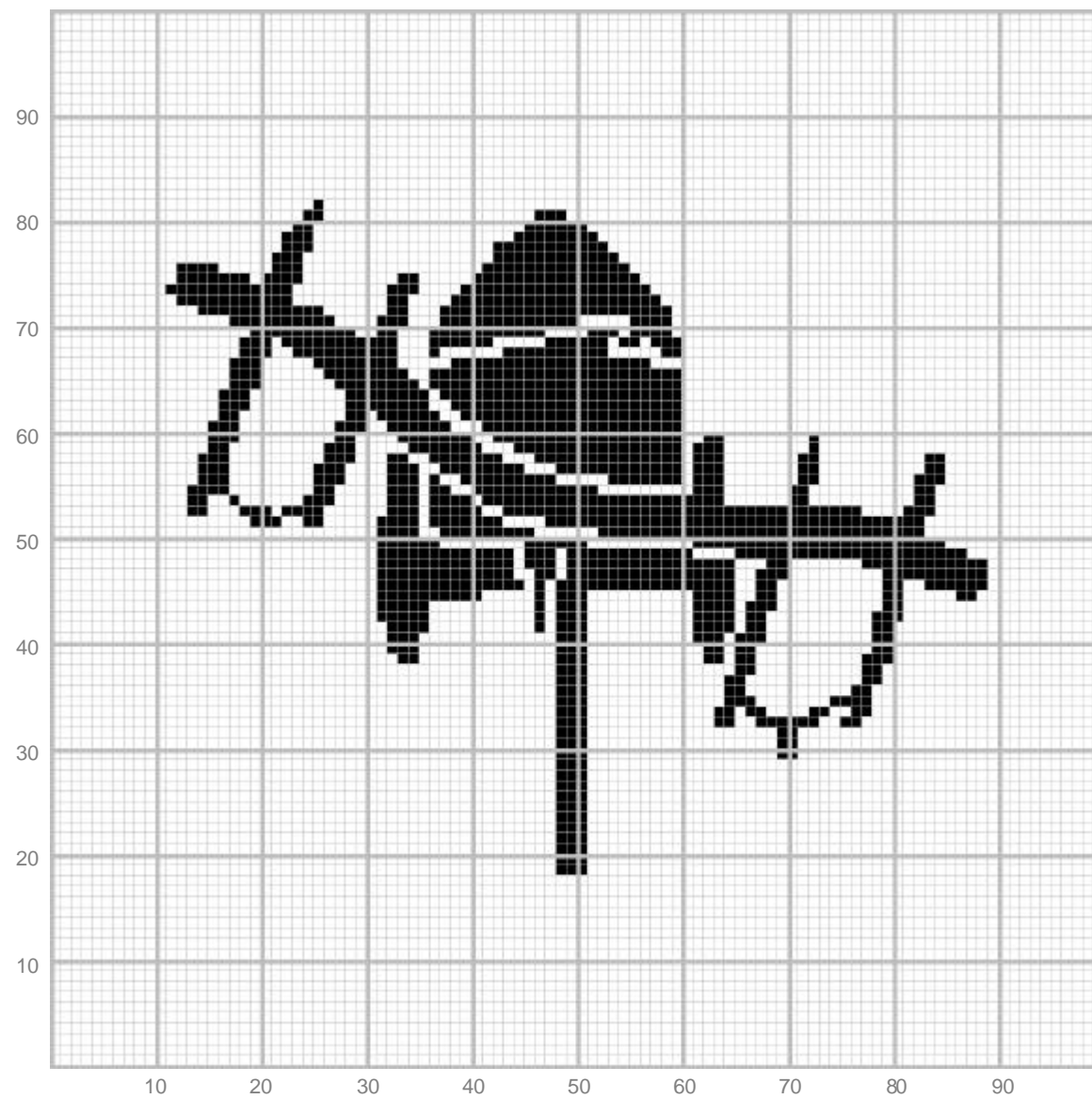
114
Aplicação volumétrica





115
Carro-de-boi
Fazenda Babilônia
Pirenópolis
Início século XX

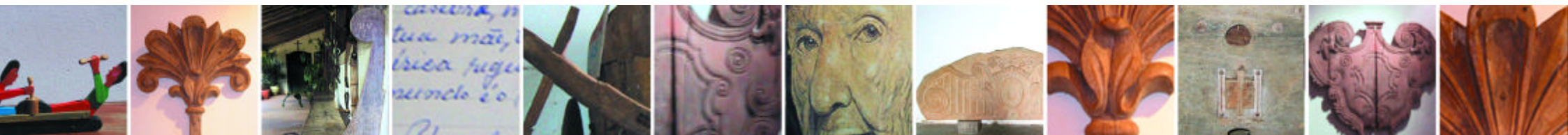


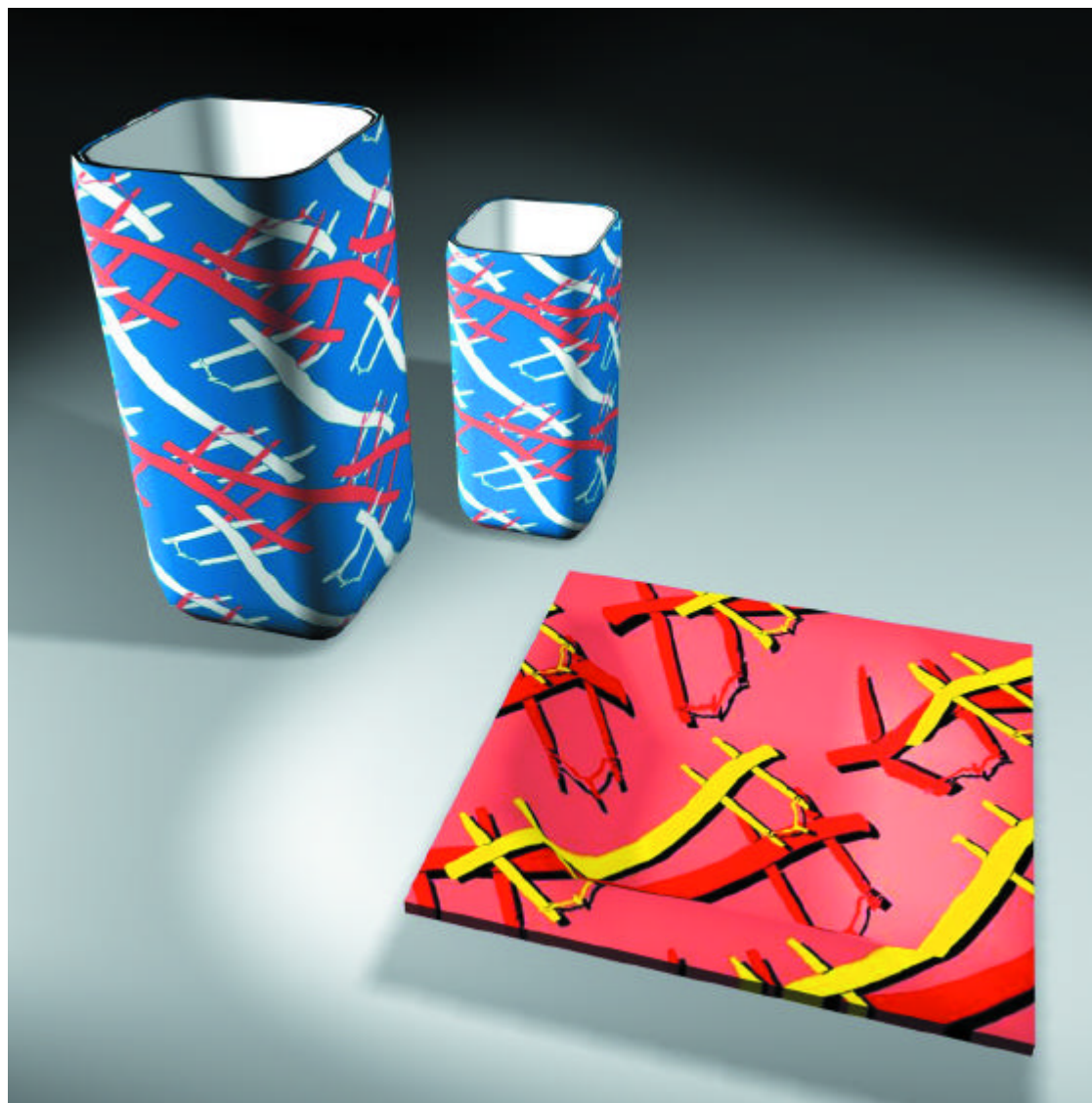


115
Aplicação têxtil

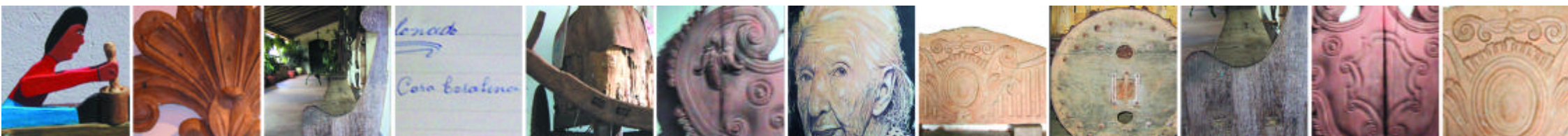


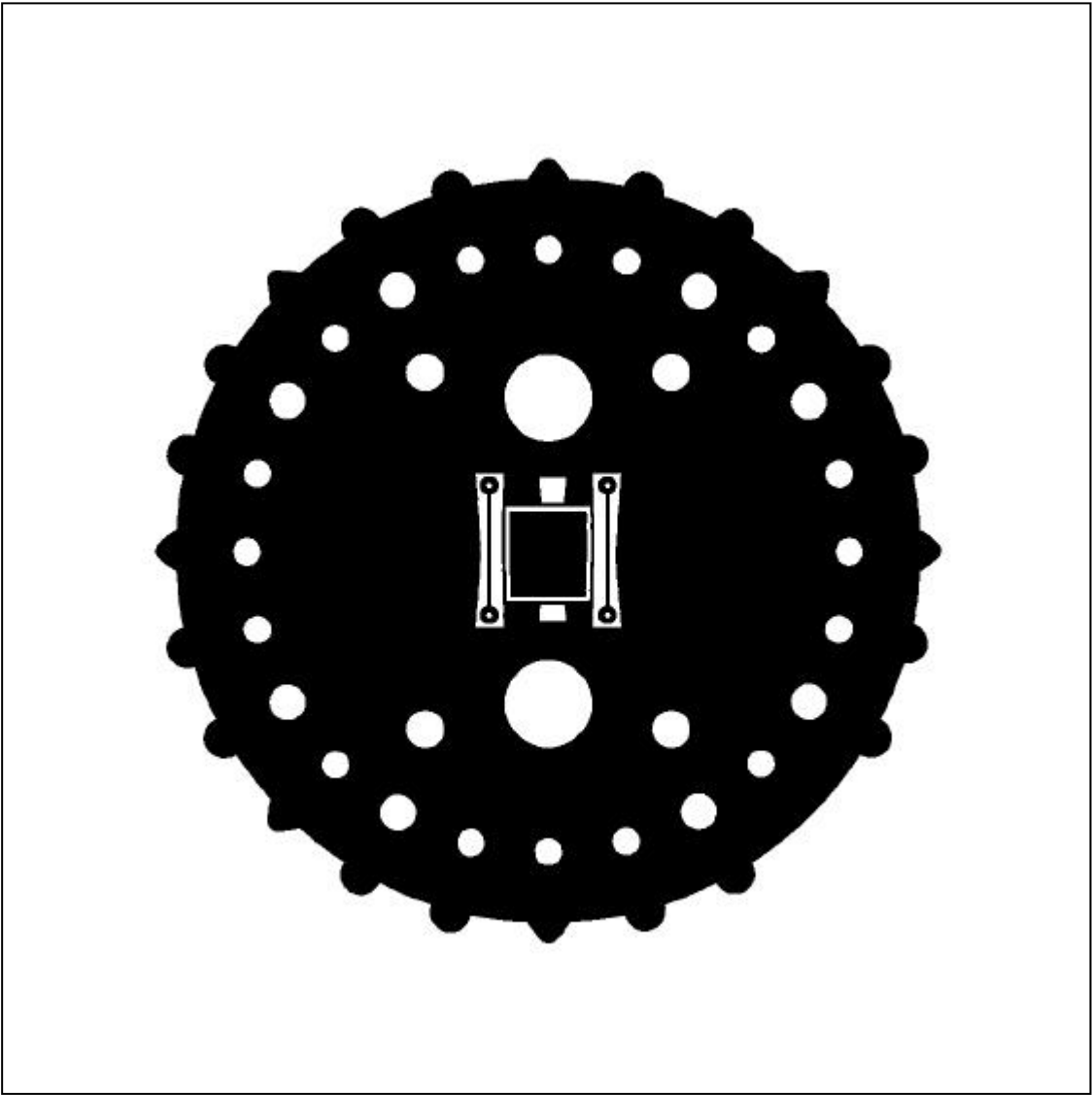
115
Aplicação em estampados





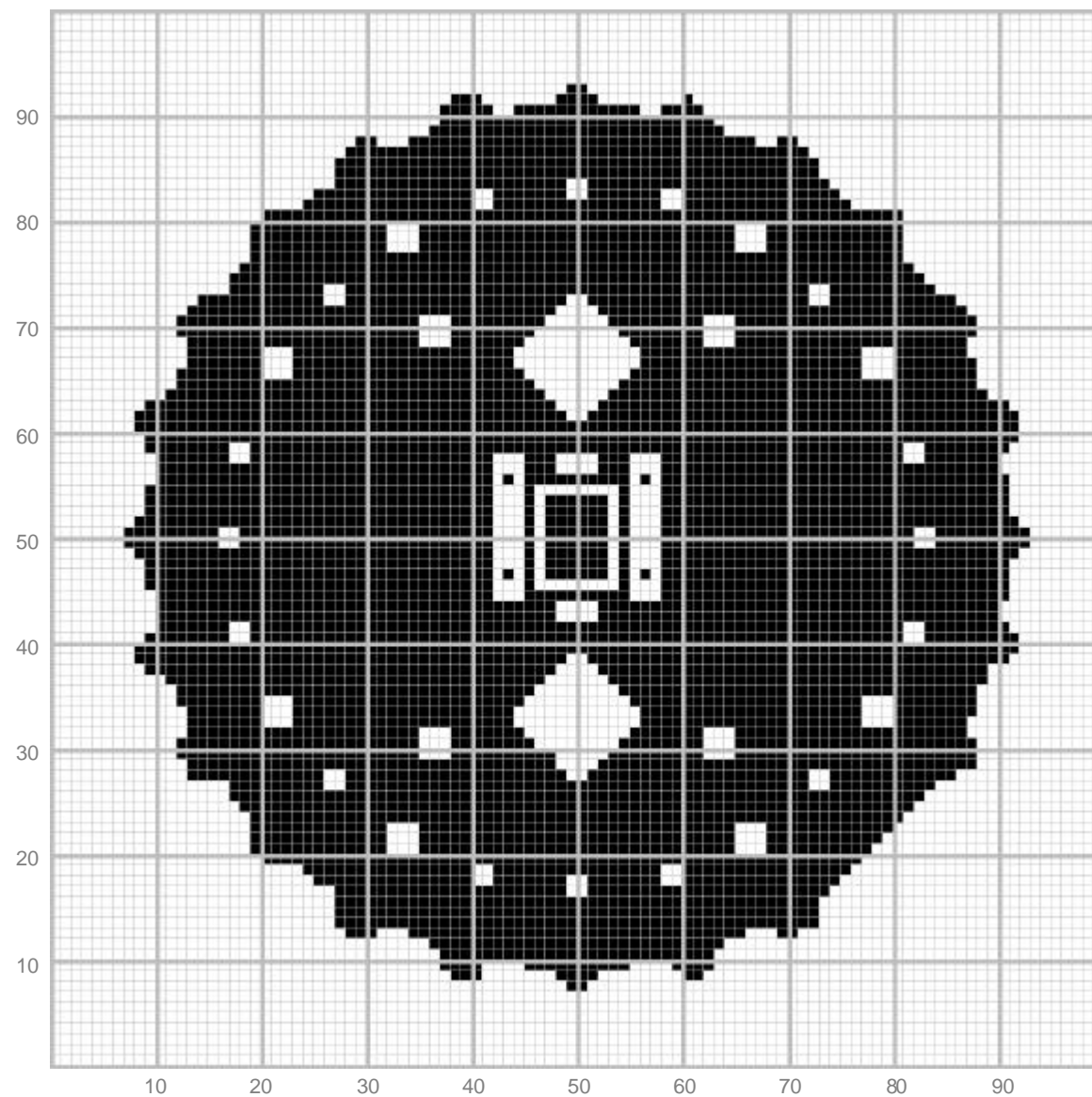
115
Aplicação volumétrica





116
Roda de carro-de-boi
Fazenda Babilônia
Pirenópolis
Século XIX

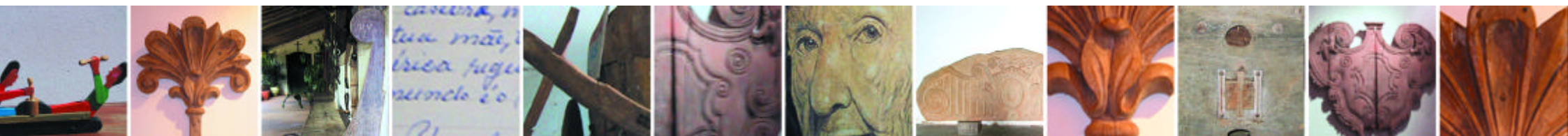
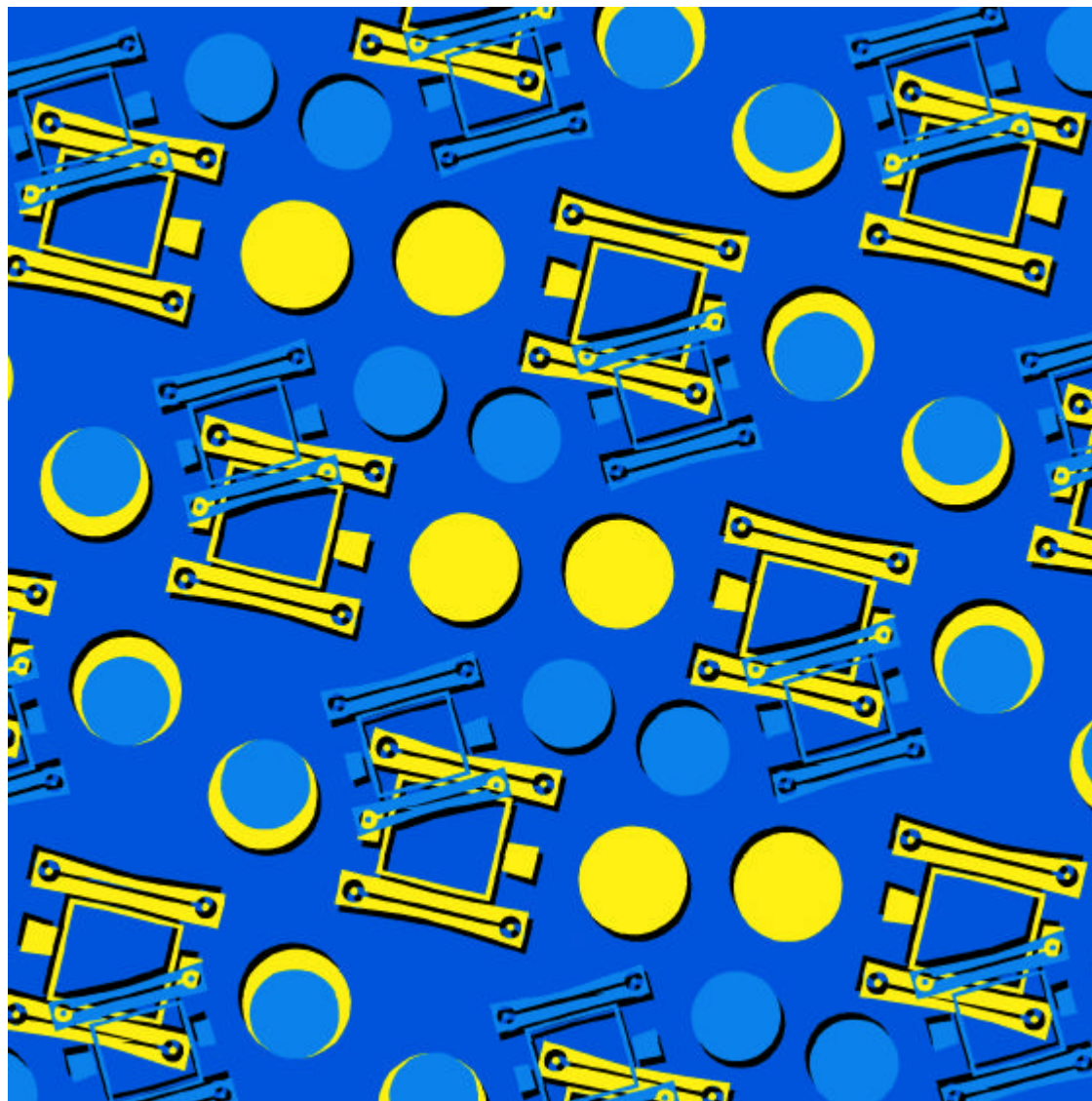




116
Aplicação têxtil



116
Aplicação em estampados

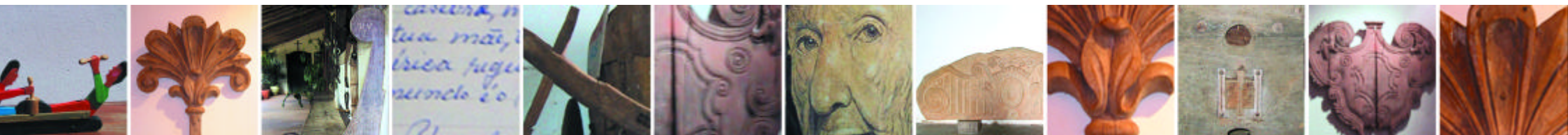
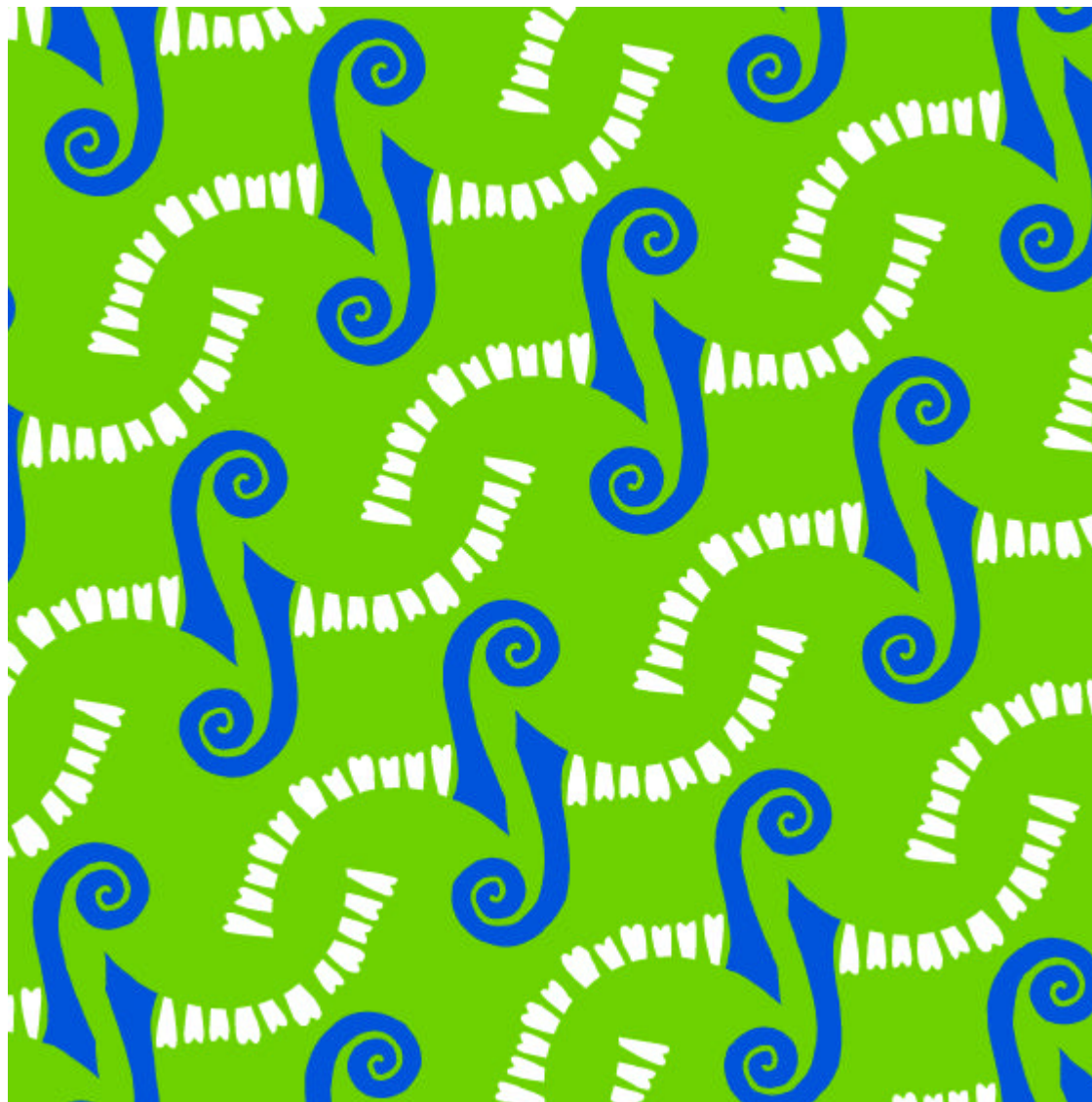


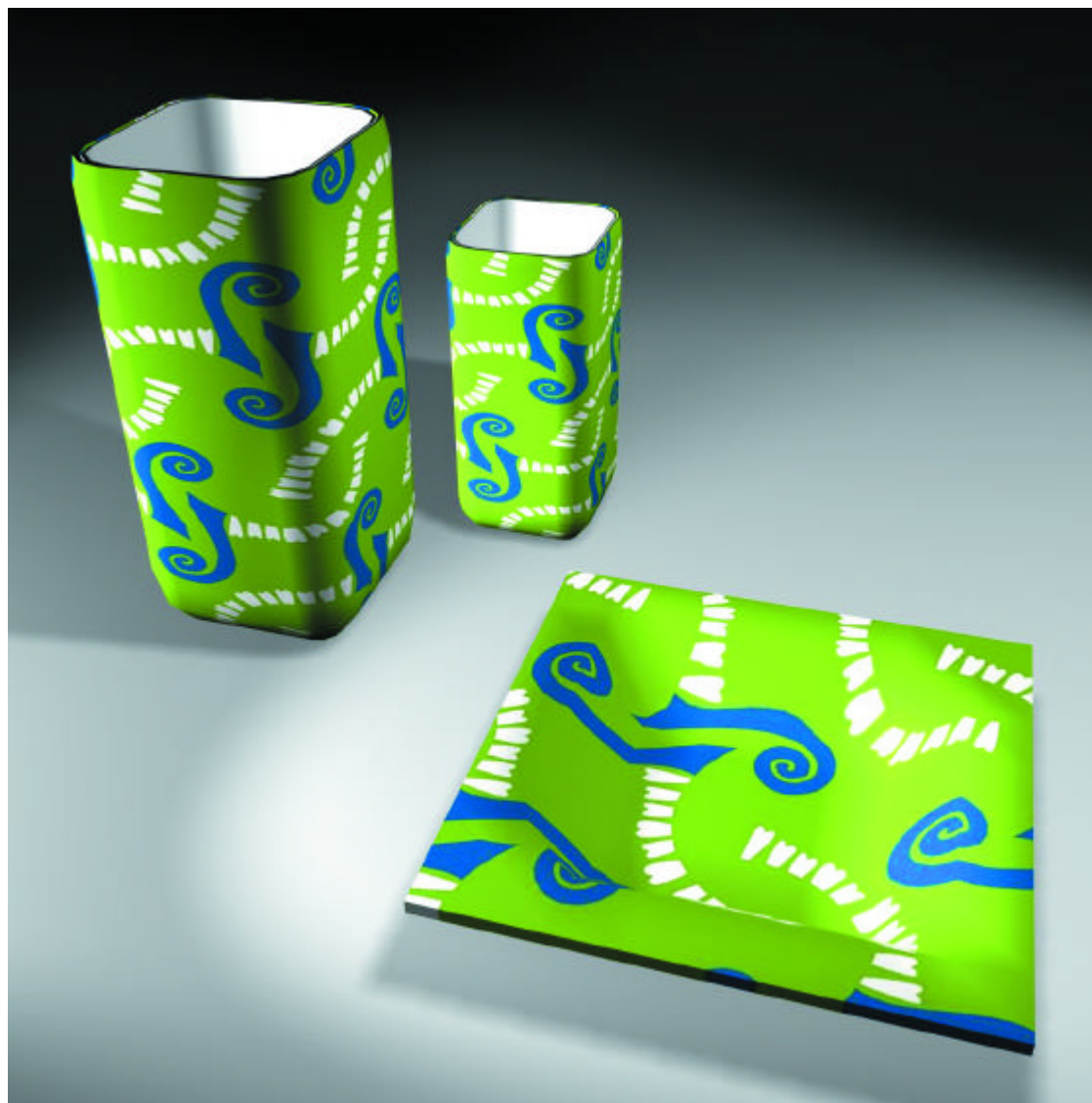


117
 Brasão
 Museu das Bandeiras
 Cidade de Goiás
 Século XVIII

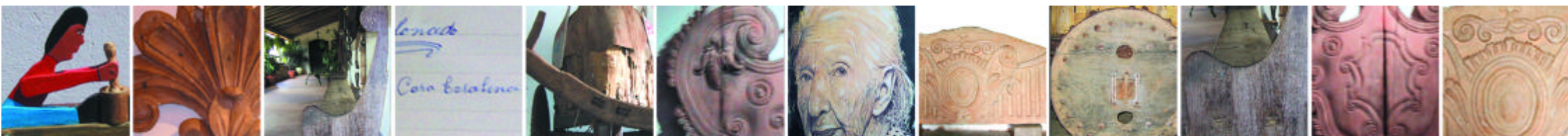


117
Aplicação em estampados

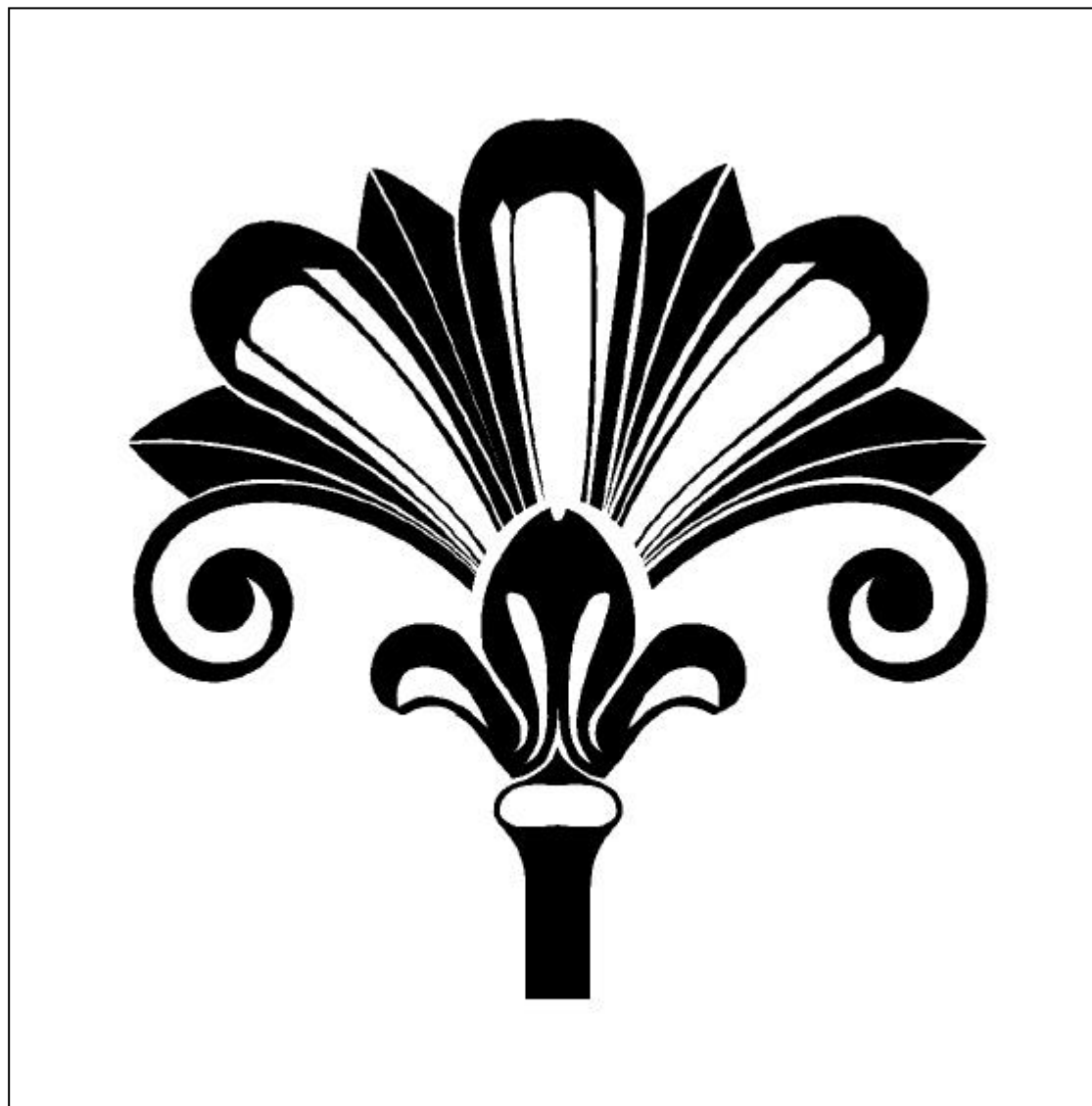


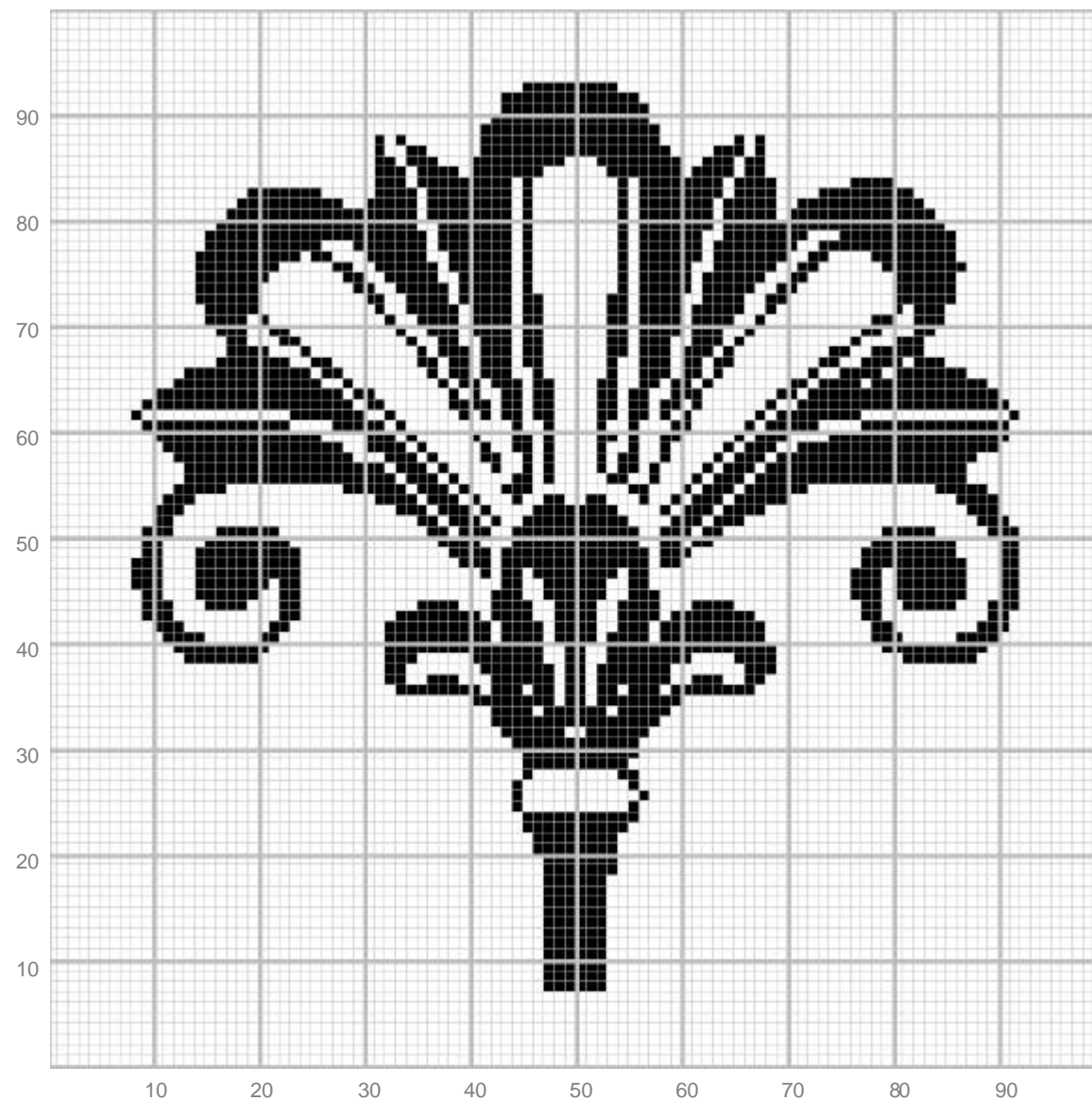


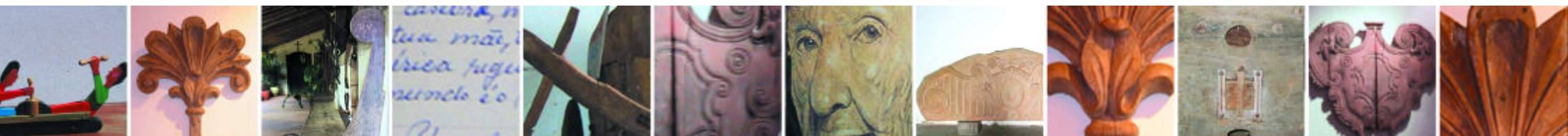
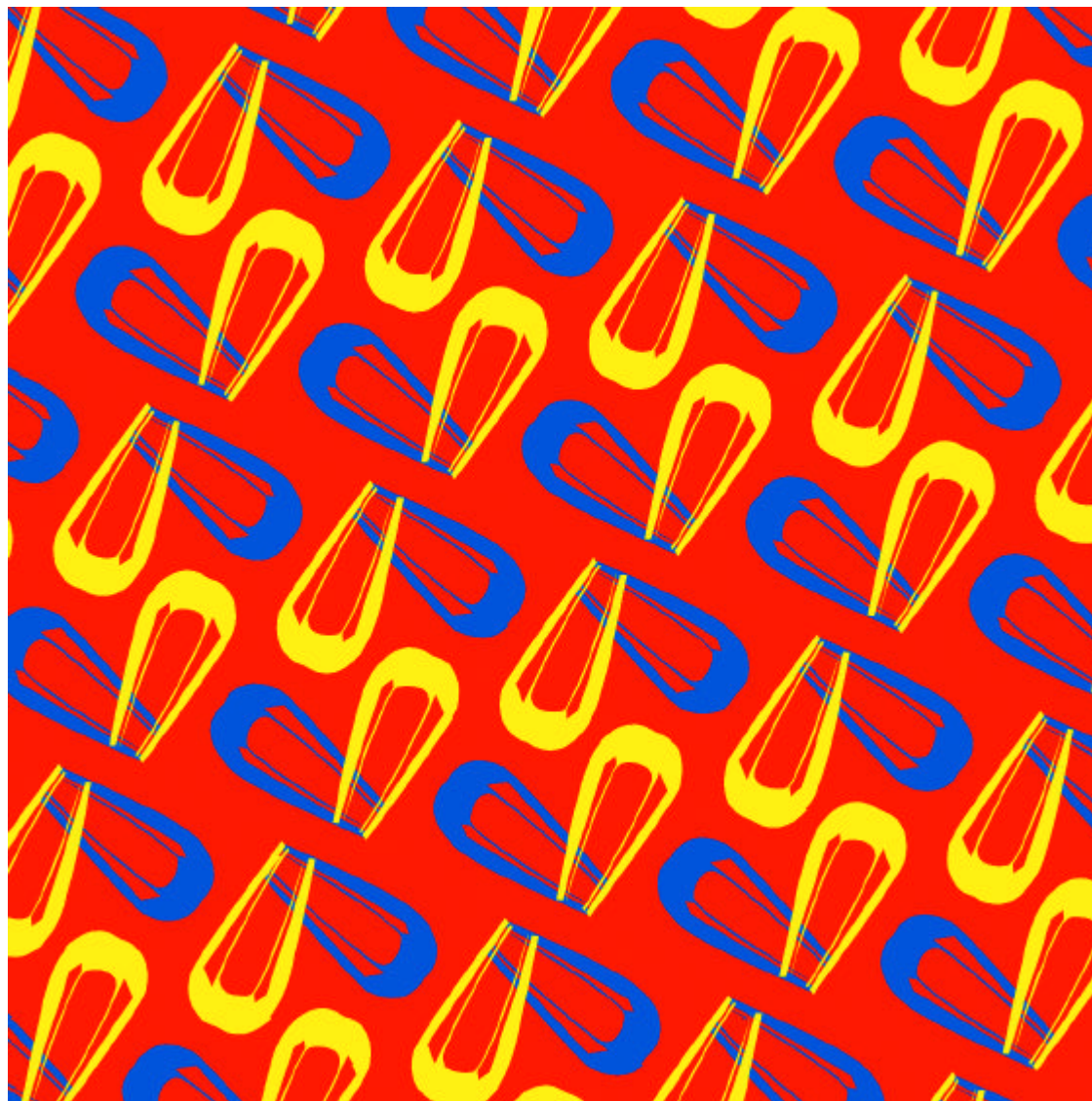
117
Aplicação volumétrica

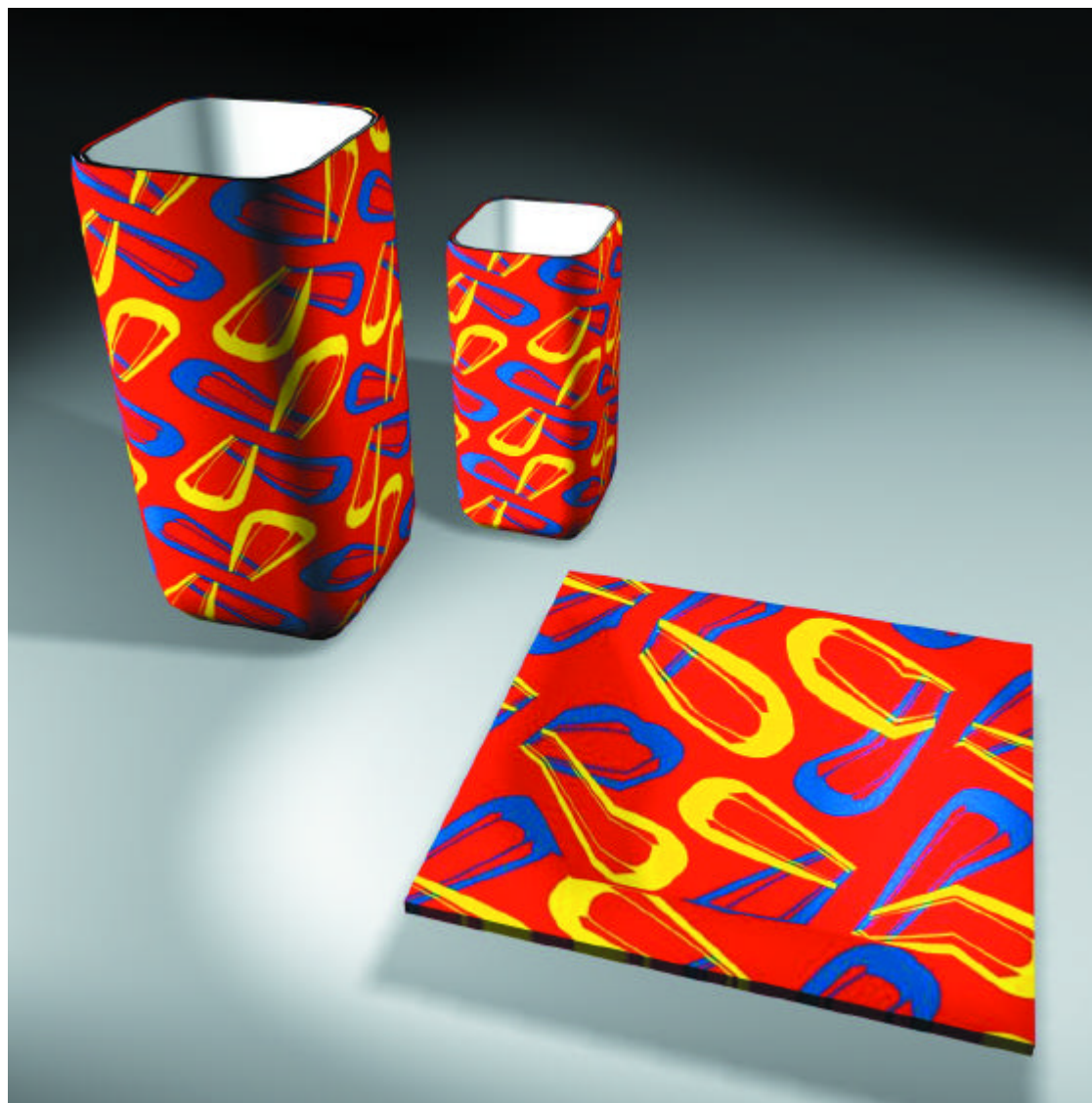


118
Peça Decorativa
Museu das Bandeiras
Cidade de Goiás
Século XVIII

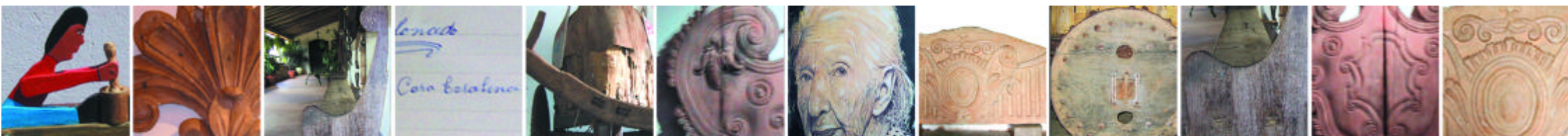


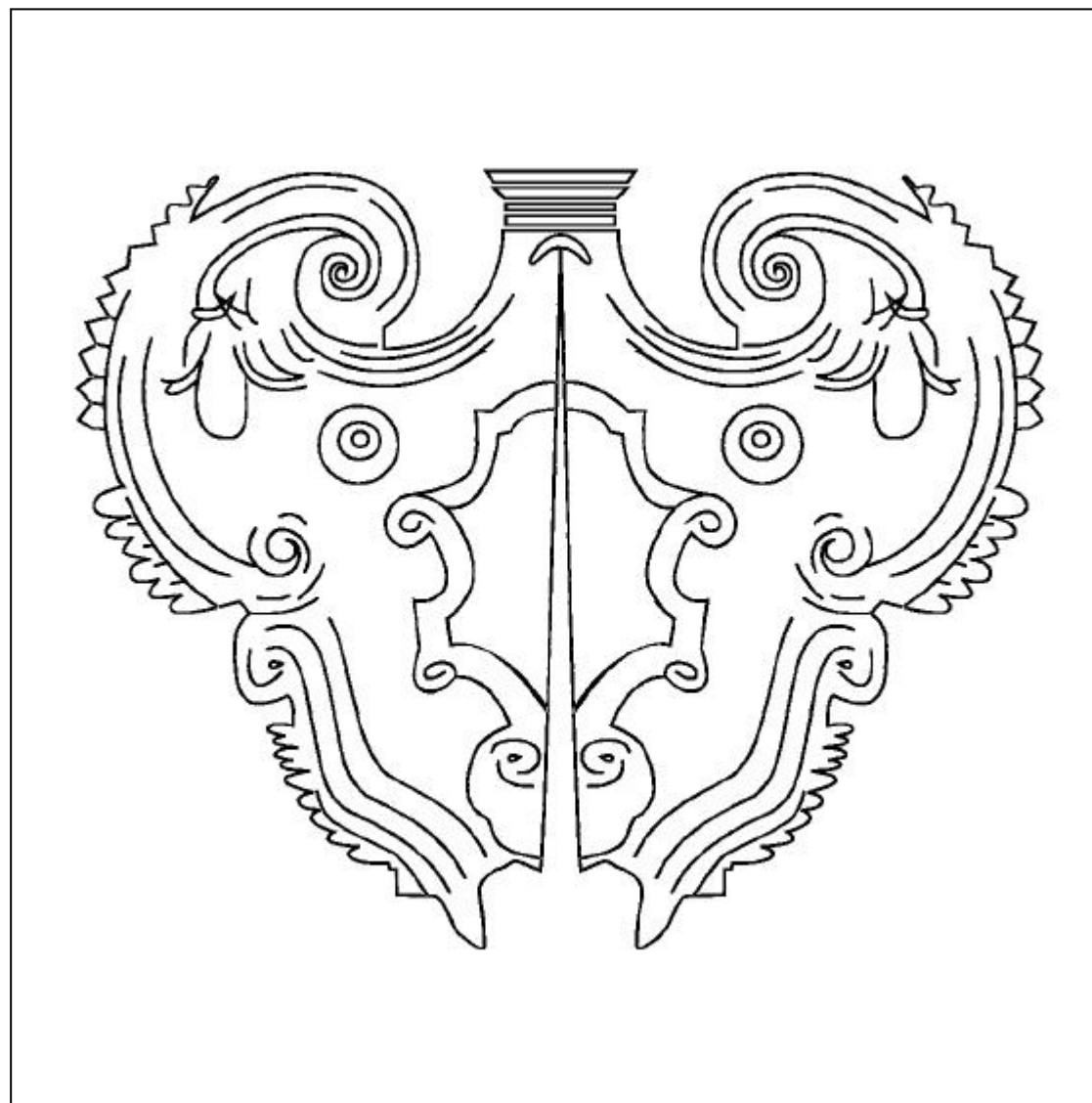






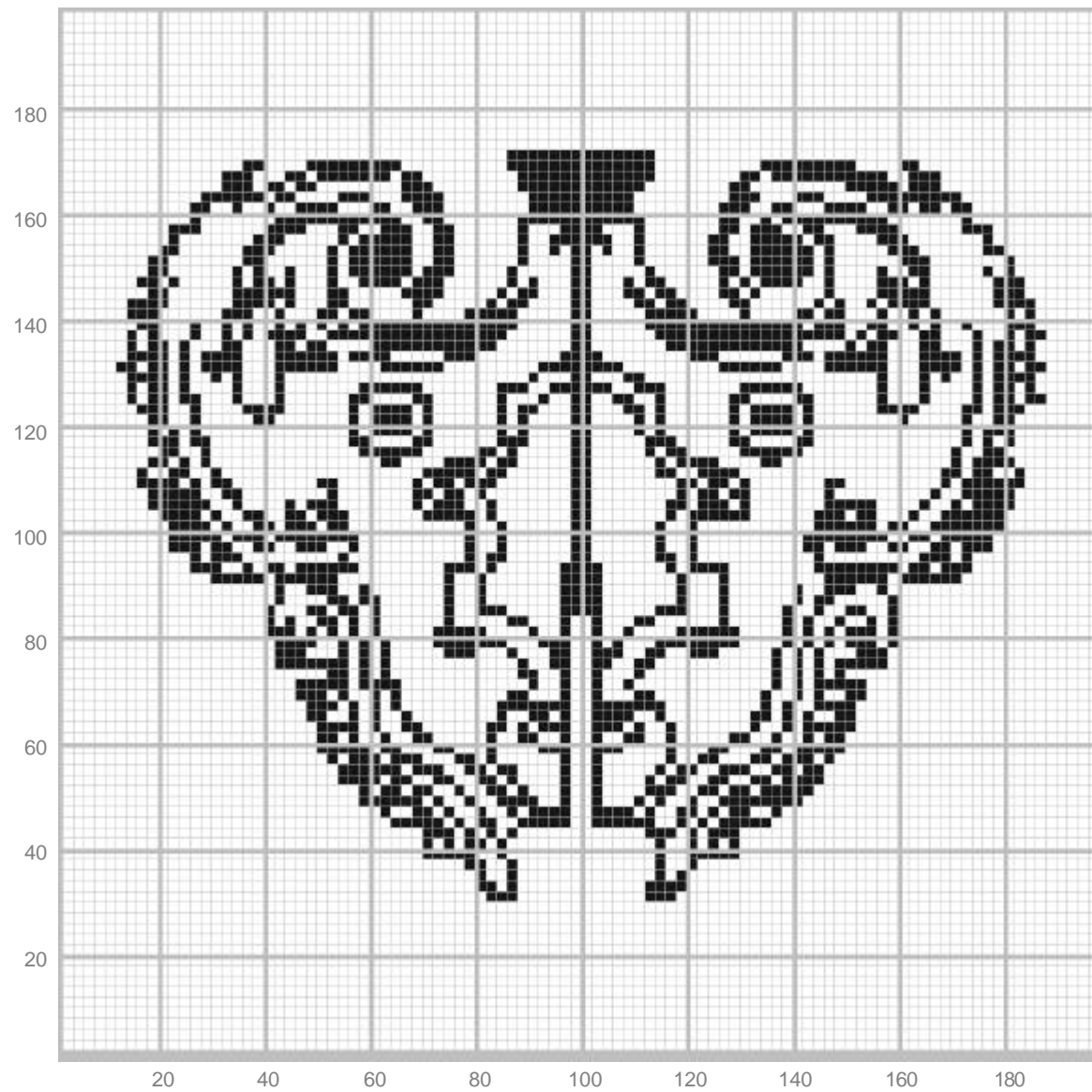
118
Aplicação volumétrica





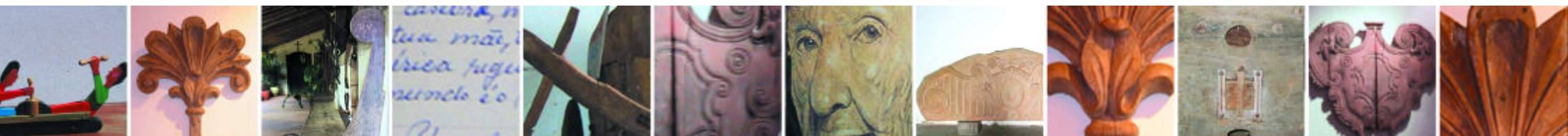
119
 Brasão
 Museu das Bandeiras
 Cidade de Goiás
 Século XVIII





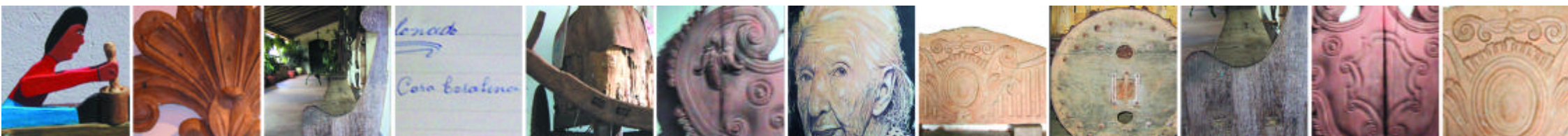
119
Aplicação têxtil



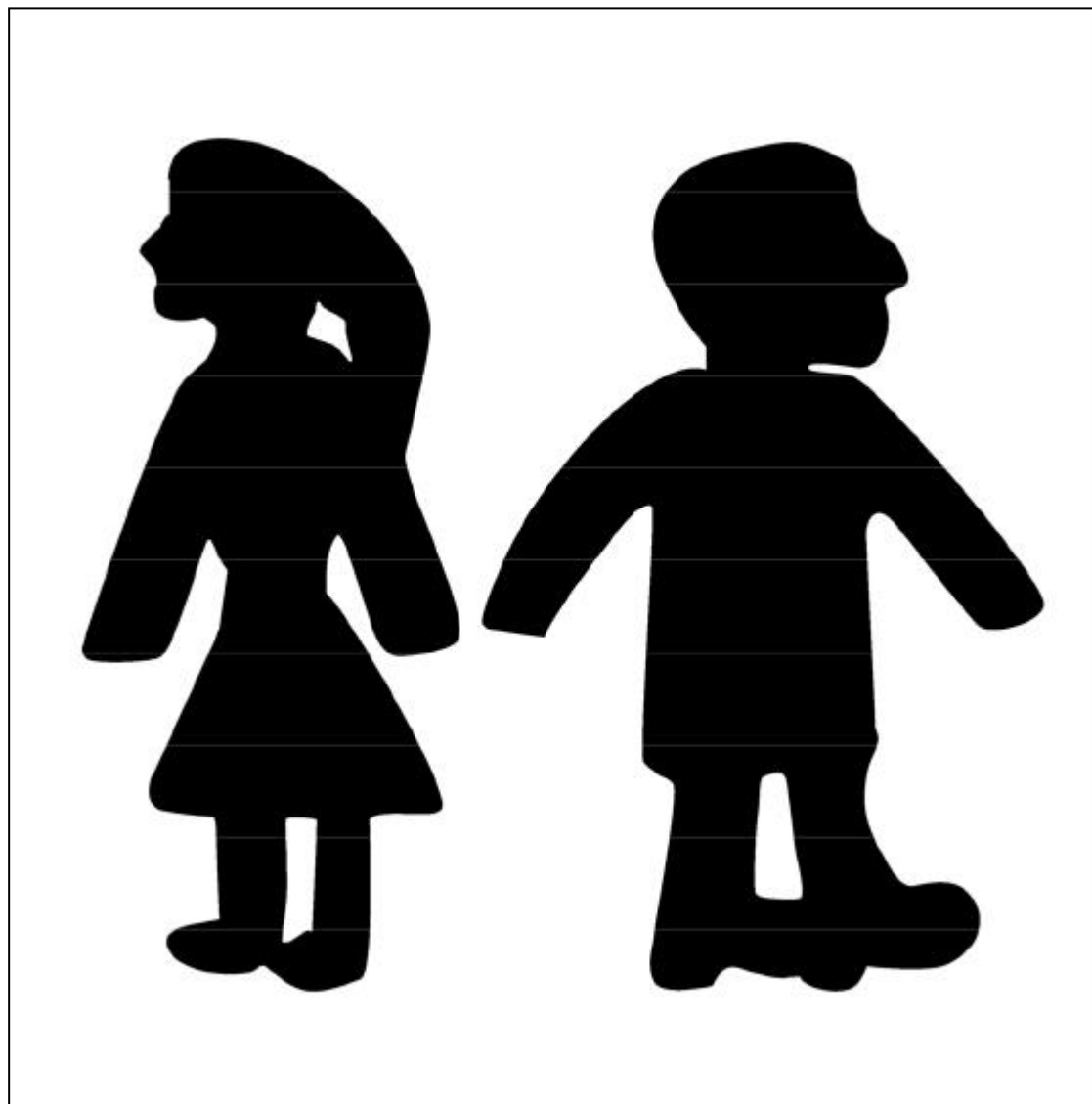


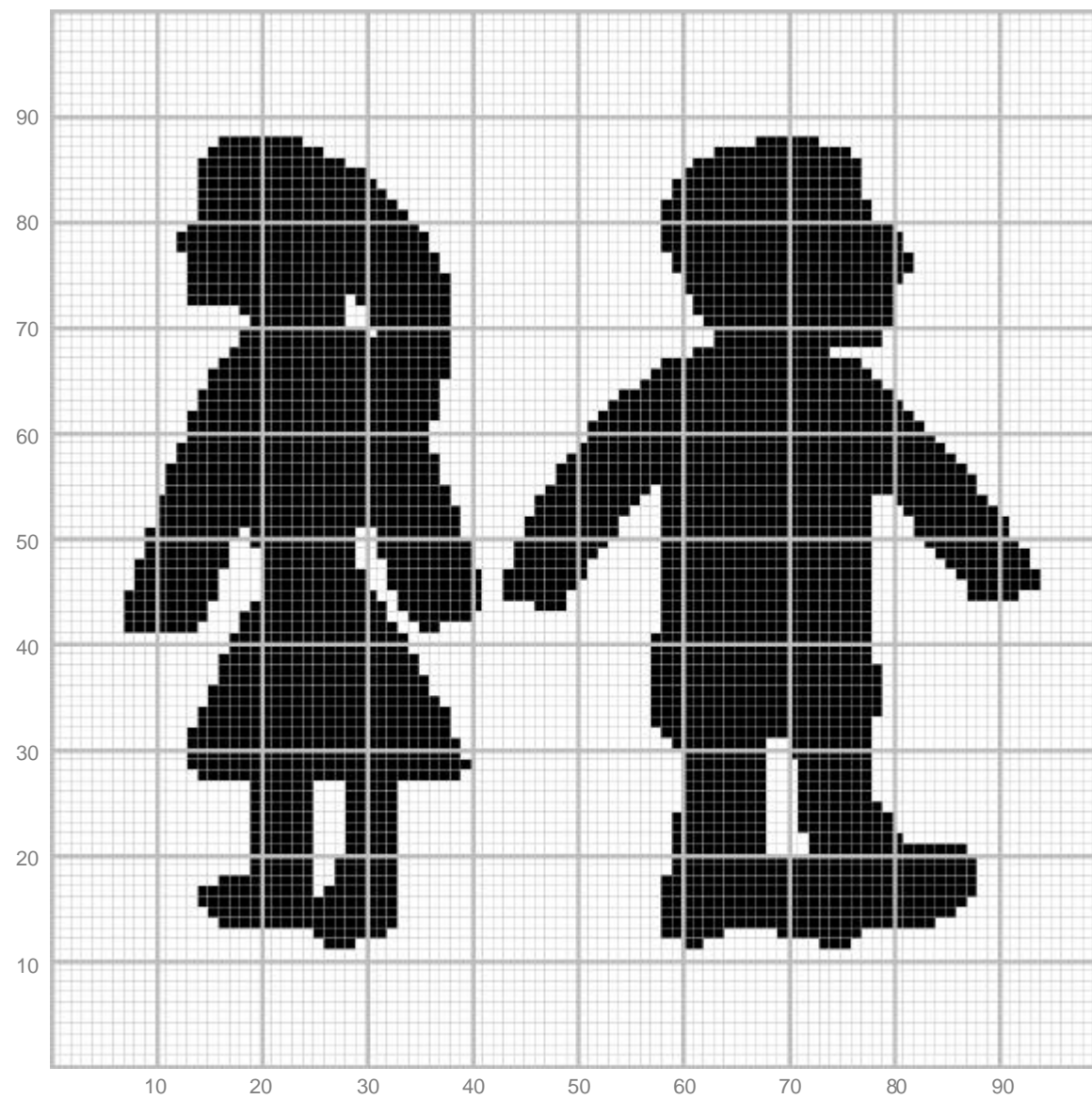


119
Aplicação volumétrica



120
Sinalização
Restaurante Rodeio
Teresina de Goiás

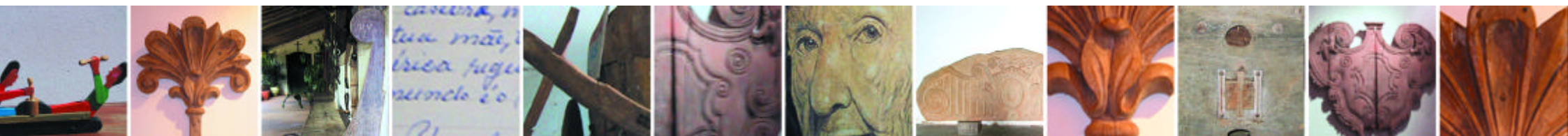




120
Aplicação têxtil



120
Aplicação em estampados





120
Aplicação volumétrica

